



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

WILLIANE ARAÚJO DA SILVA

**VISÕES SOBRE O FRACASSO ESCOLAR NA PERSPECTIVA DE DIFERENTES
SUJEITOS**

**AMARGOSA/BA
2019**

WILLIANE ARAÚJO DA SILVA

**VISÕES SOBRE O FRACASSO ESCOLAR NA PERSPECTIVA DE DIFERENTES
SUJEITOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Formação de Professores – CFP, da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB, como requisito final para obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora Prof^o Dr^o: Alessandra Gomes.

**AMARGOSA/BA
2019**

WILLIANE ARAÚJO DA SILVA

**VISÕES SOBRE O FRACASSO ESCOLAR NA PERSPECTIVA DOS DIFERENTES
SUJEITOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Formação de Professores – CFP, da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB, como requisito final para obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia.

Aprovado em: 28/02/2019.

BANCA EXAMINADORA



ALESSANDRA GOMES – ORIENTADORA

Professora Adjunta da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia



ALICE COSTA MACEDO – Avaliadora 01 Professora
Adjunta da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

CARLOS ADRIANO DA SILVA OLIVEIRA – Avaliador 02
Professor Adjunto da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Dedico aos meus pais, Matildes Araújo da Silva e Januário Dias da Silva (in memoriam), aos meus avós Ana Nascimento e Manoel Barbosa, a minha bisavó Guilhermina (in memoriam), e aos meus irmãos Gilmasom, Geane, Fabiane, Gilvan, Iara, Andreia, Thiago, William e Jaqueline. E ao professor Josias Maltez.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a **Deus**, por ter me dado força, paciência e determinação para concluir este trabalho que tanto sonhei.

Aos meus pais **Matildes Araújo da Silva e Januário Dias da Silva (in memoriam)** por acreditarem em mim e nunca desistiram dos meus sonhos.

Aos meus avós **Ana Nascimento e Manoel Barbosa**, obrigada por serem os melhores avós. E por acreditar no meu sonho incentivando a nunca desistir.

Não podia esquecer-me dela, a minha segunda mãe, bisavó, irmã, amiga **Guilhermina (in memoriam)** obrigada por ajudar a minha família nos momentos em que não tínhamos o que comer. Saiba que aonde você estiver, vai estar viva em nossos corações.

Aos meus irmãos **Gilmasom, Fabiane, Gilvan, Iara, Andreia, Thiago, William**. E, em especial a minha irmã **Geane** por nunca ter desistido de mim e acreditado nessa conquista. E também a minha irmã **Jaqueline** por não soltar a minha mão; obrigada por me fortalecer quando imaginei que não teria forças. A cada palavra de incentivo que você me deu, e as vibrações positivas para está concluindo essa pesquisa. Amo vocês.

Aos meus sobrinhos e afilhados **Andrey, Gilvan Vitor, Wendel, Raphael, Yago Matheus, Nayara, Eliza, Ana Clara, Miguel, Fred**, por proporcionarem momento de diversão e alegria. Amo vocês.

Aos meus cunhados **Manoel, Anailton, Ney Júnior, Henrique, Fernando** obrigada por cada palavra de incentivo.

A minha cunhada **Vanessa**, por estar presente nesse momento, o seu apoio e confiança foi muito importante.

Aos meus tios **José Maria, Cleide Maria e Maria Lourdes**, grata pelos cuidados e carinho.

Ao meu tio paterno **Agenor** e a sua esposa **Lilia** por me acolher e cuidar de mim.

Ao meu Professor **Josias Maltez**, o principal responsável por estar cursando e finalizado esse ciclo. Obrigada por fazer o papel de meu pai no momento que ele já não estava entre nós, o senhor terá a minha eterna gratidão.

Ao **Projeto Futuro Doutor**, que acredita e confia em cada sonho que parece tão distante que aos poucos vão se realizado, aqui está à prova disso “EU”, grata pela confiança depositada. Na pessoa de **Iuri Brito, André Pennycook, CELEM, Ailton e Josias Maltez** essa conquista também é de vocês. Obrigada pela confiança depositada. Contem comigo!

A minha amiga de longa caminhada **Jusélia Paz**, que sempre me incentivou, seu apoio foi essencial para a realização dessa pesquisa. Grata pelas vezes que você acalmou o meu coração quando estava perto de desistir.

A minha Irmã que a vida no ensino secundarista me presenteio **Márcia Santana** mesmo distante esteve torcendo por minha vitória.

Agradeço imensamente a **Clélia Alves** pela acolhida e pela amizade que cultivamos. Grata por desfrutar de bons momentos com sua família, sua amizade é essencial na minha vida acadêmica.

Agradeço especialmente a **Uilhama Marques e a sua Família** pela acolhida e pela amizade que cultivamos. Grata por desfrutar de bons momentos com sua família, sua amizade é essencial na minha vida. Amo vocês!

Aos amigos que a vida acadêmica me presenteio: **Alana Santana e Lucas Nascimento** ter vocês por perto mim fortaleceu. Amo vocês podem contar comigo!

As meninas que durante esse tempo de academia estiveram comigo **Alana, Crislane, Crisleia**, obrigada pelos melhores momentos de resenhas, reciprocidade, respeito e confiança.

As responsáveis pelos melhores almoços e resenhas **Josce, Helley, Jaqueline Rebouças e Camila Santana**. Obrigada por caminharem comigo.

Não podia esquecer-se de **Michelle Nery**, irei sentir muito a sua falta, obrigada por me erguer quando mim abati.

Agradeço a minha orientadora **Alessandra Gomes** pela paciência e dedicação em cada orientação. Grata por tudo!

Agradeço a todos **os professores do curso de Pedagogia**, que passaram pela turma 2014.1, não citarei nomes para não esquecer nenhum, vocês foram todos especiais, aprendi muito. Obrigados (as).

Aos melhores funcionários da Instituição **Belmiro, Virgílio e Emanuelle** vocês enalteceram os meus dias. Por mais, seres humanos assim como vocês.

Aos participantes dessa pesquisa, que contribuíram de forma efetiva para a conclusão desse trabalho. Sem eles não teria acontecido, agradeço a todos pelas contribuições, pois me enriqueceram muito como educadora e ser humano.

Enfim, agradeço a todos que passaram por minha vida deixando boas lembranças.

“Quando a educação não é libertadora, o sonho do oprimido é ser o opressor”.

(Paulo Freire)

SILVA, Williane Araújo da. VISÕES SOBRE O FRACASSO ESCOLAR NA PERSPECTIVA DE DIFERENTES SUJEITOS. Trabalho de Conclusão de Curso em Pedagogia. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB, Amargosa - Ba, 2019.

RESUMO

Fracasso escolar, culpabilização, reprovações e evasões marcam o espaço escolar e a vida de muitos estudantes por acreditar-se que eles estão são incapazes de desenvolverse no meio educacional. A partir disso, essa pesquisa objetivou apresentar as visões de diferentes sujeitos sobre o fracasso escolar relacionada a um estudante da rede pública de ensino da cidade de Amargosa – Bahia. A pesquisa tem cunho qualitativo e a coleta de dados se deu por meio de entrevistas semi-estruturas com três sujeitos: uma docente, um estudante e a mãe do mesmo. As entrevistas buscaram investigar as causas atribuídas por esses três sujeitos ao fracasso do garoto entrevistado, que aqui chamamos de Pedro. O trabalho busca também compreender as raízes históricas do fracasso escolar e para isso dialoga com autores tais como Gomes (2004), Machado (1997), Mattos (2011), Frochtengarten (2011), Oliveira (2017), Patto (1999), Sidnei (2012), Valladares (2005), Foucault (1999), Paro (2001) Guimarães (2017). A organização desta pesquisa está dividida em três capítulos: Capítulo 1 - As possíveis raízes do fracasso escolar, Capítulo 2 - Caminhos metodológicos, Capítulo 3 - Diferentes visões sobre o fracasso escolar: as perspectivas dos sujeitos e Conclusão.

PALAVRAS-CHAVE: Raízes do fracasso escolar; relação escola-família; democratização do ensino.

SILVA, Williane Araújo da. VISIONS ON SCHOOL FAILURE IN THE PERSPECTIVE OF DIFFERENT SUBJECTS. Conclusion of a Course in Pedagogy. Federal University of Recôncavo da Bahia - UFRB, Amargosa - Ba, 2019.

ABSTRACT

School failure, blame, disapproval and disappointments mark the school space and the lives of many students because they are believed to be incapable of developing in the educational environment. From this, this research aimed to present the visions of different subjects about the school failure related to a student of the public school of the city of Amargosa - Bahia. The research has a qualitative character and data collection took place through semi-structured interviews with three subjects: a teacher, a student and the mother of the same. The interviews sought to investigate the causes attributed by these three subjects to the failure of the interviewed boy, whom we call Pedro. The work also seeks to understand the historical roots of school failure, and for this it dialogues with authors such as Gomes (2004), Machado (1997), Mattos (2011), Frochtengarten (2011), Oliveira (2017), Patto (2012), Valladares (2005), Foucault (1999), Paro (2001) Guimarães (2017). The organization of this research is divided into three chapters: Chapter 1 - The Possible Roots of School Failure, Chapter 2 - Methodological Pathways, Chapter 3 - Different Views on School Failure: Perspectives of the Subjects and Conclusion.

Keywords: Roots of school failure; school-family relationship; democratization of education.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. AS POSSÍVEIS RAÍZES DO FRACASSO ESCOLAR	14
2.1 O AVANÇO DO CAPITALISMO E SEU IMPACTO NA SOCIEDADE BRASILEIRA.....	14
2.2 A FECUNDAÇÃO DO FRACASSO ESCOLAR E OS ASPECTOS QUE INFLUENCIARAM O FRACASSO ESCOLAR	15
2.3 O “CAULE” DO FRACASSO ESCOLAR E UMA DAS SUAS RAÍZES.....	18
2.3.1 O “caule” do fracasso escolar e uma das suas raízes: a medicalização da educação como estratégia de controle do (s) corpo (s)	18
2.3.2 A segunda raiz: psicologia diferencial	21
2.3.3 A terceira raiz: a teoria da carência cultural	22
2.3.4 A quarta raiz: as teorias racistas	23
3. CAMINHOS METODOLÓGICOS	26
3.1 IDAS E VINDAS	27
4.DIFERENTES VISÕES SOBRE O FRACASSO ESCOLAR: AS PERSPECTIVAS DOS SUJEITOS	31
4.1 COLHENDO OS FRUTOS	31
4.1.1 Múltiplas facetas e situações	31
4.1.2 O silenciamento como escudo contra o fracasso escolar entre os sujeitos	36
5.CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
REFERÊNCIAS	43
APÊNDICES	45

1. INTRODUÇÃO

O presente estudo monográfico, intitulada “Visões sobre o fracasso escolar na perspectiva de diferentes sujeitos”, tem como interesse entender como é visto o (s) estudante (s) que fracassa. O interesse pela pesquisa que resultou no presente trabalho surgiu, a partir da execução de um estágio no terceiro período da graduação do curso de Pedagogia, exigido pela disciplina “Ensino e Aprendizagem da Alfabetização”, do Centro de Formação de Professores - CFP/UFRB.

No referido estágio, deparei-me com a seguinte situação: as professoras definiam um pré-julgamento sobre o educando. Diante do que estava escrito no diário do ano anterior, a docente já tinha uma percepção dos alunos no que tange à reprovação e aprovação. Nesse viés, surgiram algumas inquietações sobre a construção do fracasso na escola, e com isso, para compreender esse processo, começou-se os estudos para a elaboração dessa pesquisa. Nessa mesma época, durante o componente “Avaliação em Educação”, tive contato com parte da obra “A produção do Fracasso escolar”, de Maria Helena Souza Patto. A partir dessa leitura inicial, passei a perceber que o fracasso escolar pode ser construído dentro do ambiente escolar por exigir um padrão normalizador.

Tais experiências me levaram a querer conhecer a trajetória escolar de estudantes repetentes do Ensino fundamental, a fim de compreender o papel da escola e do docente na produção do fracasso desses estudantes, a visão que o próprio aluno tem sobre seu fracasso, a existência ou não do diálogo da escola com a realidade desses estudantes e o sofrimento destes diante dessa situação vivenciada no contexto educacional.

Além disso, cabe salientar que tive a oportunidade de iniciar como bolsista no Programa CAsA do DUCA¹, que me proporcionou estar próxima da realidade de crianças/famílias dos bairros periféricos da cidade de Amargosa, essa situação fortaleceu a vontade de realizar esse estudo.

Algumas questões iniciais se fizeram presente: O fracasso escolar é responsável pelo silenciamento do sujeito que fracassa? A escola dialoga com a realidade desse aluno? Será que ele sofre com o fracasso escolar? Logo, pude responder as minhas inquietações sobre o fracasso

¹ Programa CaSa do DUCA (Centro de Artes de Amargosa: Diversidade, Universidade, Cultura e Ancestralidade) que é um programa de permanência de extensão que abriga outros projetos bem como seus grupos de pesquisa e as atividades culturais ligadas a eventos, cinema e teatro é, também, a vida cultural de Amargosa e Região.

escolar de um estudante de 14 anos, que em 2018 cursava pela 2ª vez o 3º ano do Ensino fundamental I. Tais inquietações foram respondidas no decorrer deste trabalho.

Carvalho (2011, p. 571) destaca que o fracasso escolar geralmente tende a ser concebido por muitos professores e gestores escolares como resultante de “distúrbios de personalidade” ou de obstáculos – sejam eles: orgânicos, afetivos, familiares ou culturais – que afetam o indivíduo isoladamente considerando, as relações entre professores e alunos, por sua vez, tendem a ser vistas em abstração do entorno institucional em que ocorrem e dos condicionantes políticos e ideológicos que sobre elas incidem”.

A partir das leituras realizadas foi possível perceber que o fracasso escolar afeta o desenvolvimento pessoal, afetivo e familiar dos estudantes. Patto (1999, p. 27-28), relata que a história da educação no ocidente e depois no Brasil é marcada pela rotulação negativa das classes populares. Isso ocasionou em uma nova configuração de mundo, a partir de uma classe média e, é esse contexto social que interfere no desenvolvimento do sujeito que pertence à camada popular, pois sofre com os reflexos do fracasso escolar vivenciando uma exclusão na escola, por ser visto como um incapaz de estar ali.

Todavia, a trajetória escolar de muitos estudantes é marcada por reprovações e reclamações o que faz com que os pais evitem ir à escola para reuniões e outras atividades. Patto (1999) relata que as experiências de fracasso vividas pelas crianças que foram sujeitos da sua pesquisa, bem como por seus pais, que acompanharam as trajetórias de seus filhos, deixaram em todos marcas frustrantes.

Para Patto (1999, p. 325) essa postura de frustração, e também de estagnação por parte de muitos pais e mães de crianças com histórias parecidas, se deve ao fato da falta de “poder econômico e do poder advindo da consciência de seus direitos como antídotos contra a arbitrariedade com que os educadores exercem seu poder”. Segundo a autora, os próprios pais vivenciaram em suas infâncias “experiências escolares frustrantes, quando não traumáticas”. Tais experiências, ao invés de serem motivo para posturas de questionamento diante da realidade escolar que seus filhos vivenciam, acabam por colaborar com o silenciamento dos pais, uma vez que idealizam “uma instituição a qual tiveram acesso, trazendo em sua bagagem uma história de convivência como as dominações muitas vezes, escamoteadas sob a forma de clientelismo e influenciadas pelas mensagens ideológicas veiculadas pelo sistema”.

De acordo com Patto (1999, p. 325) a maioria das mães entrevistadas por ela possuíam “sinais visíveis de submissão e constrangimento”. Por meio das leituras e aprofundamento teórico, foi possível perceber que o método que a escola trabalha para informar aos pais sobre

o desenvolvimento referente à aprendizagem dos alunos, interfere muito pouco no seu desempenho escolar, pois, não são apresentados os pontos negativos e positivos aos pais sobre em que precisa melhorar. Portanto, é a partir das abordagens trabalhadas sobre fracasso escolar, que vamos entender um pouco sobre esse processo excludente que atinge cada vez mais, as crianças das classes populares que acabam sendo inferiorizadas, diante das dificuldades que os professores julgam que elas apresentam.

Para contribuir na compreensão das questões apresentadas, utilizei referenciais teóricos de autores, como Gomes (2004), Machado (1997), Mattos (2011), Frochtengarten (2011), Oliveira (2017), Patto (1999), Sidnei (2012), Valladares (2005), Foucault (1999), Paro (2001), Guimarães (2017), que nas suas abordagens enriqueceram essa pesquisa.

Machado (1997) enfatiza que devemos ter um olhar sensível para compreender o campo de forças em relação ao desenvolvimento das crianças, sem esquecer-nos de fatores tais como a família, a relação professor/aluno, a história escolar de cada criança, fatores estes que interferem em seu desenvolvimento social e educacional.

Espero que esta pesquisa traga reflexões sobre as práticas em sala de aula, a fim de amenizar a evasão e o fracasso escolar de estudantes, pois a cada distanciamento do aluno colabora-se para que ele não progrida nos estudos.

Almejo que esta pesquisa traga reflexões sobre o papel da escola no trato com crianças que são reprovadas e que não se encaixam no perfil tido como ideal. Que a condição social não seja um impasse para o seu desenvolvimento escolar, mas, sim um elo que possa elevar o seu desenvolvimento e valorização no âmbito escolar.

Espero também que os professores possam ter acesso a essa monografia, e que a mesma possa colaborar para sua prática pedagógica.

2. AS POSSÍVEIS RAZÕES DO FRACASSO ESCOLAR

2.1 O AVANÇO DO CAPITALISMO E SEU IMPACTO NA SOCIEDADE BRASILEIRA

A Revolução que aconteceu na Europa Ocidental no século XVIII marcou o século XIX no Brasil. A Revolução Política Francesa (1789-1792) ficou conhecida como a transição para a Idade Contemporânea por ter sido palco da divisão da Idade Moderna para a Contemporânea, e com essa divisão vieram transformações severas que mudaram o cenário político do mundo Ocidental. Neste mesmo período, aconteceu a Revolução Industrial Inglesa, uma ação dos burgueses com a participação das classes populares. Assim sendo, a burguesia buscava barrar o crescimento industrial que estava tornando os impostos altíssimos. No entanto, a produção industrial se instituiu e conseqüentemente a mão de obra perdia seu espaço para as máquinas, agravando cada vez mais o desemprego na Europa. (PATTO, 1999, p.28).

Todavia, o modo de produção capitalista crescia lépido, as máquinas funcionavam durante 24 horas e assim o capitalismo se firmava como uma ponte para os políticos e os mecanismos técnicos fazendo crescer acerbamente os lucros. Em 1830, o Brasil enfrentava a primeira crise que abalava o crescimento industrial, gerando grande desemprego. Para contrapor esse aumento de desempregados, os operários propagaram uma grande rebelião quebrando máquinas, pois, acreditavam que as mesmas eram responsáveis pela onda de desemprego. (PATTO, 1999, p.29)

Nesta época as classes trabalhadoras não foram as únicas afetadas. A burguesia e uma parte daqueles que eram negociantes, também foram atingidos por essa nova economia que acabava de surgir. Entre os anos 1825 e 1848, aconteceu a expansão da produção que marcava o mercado de trabalho com a criação de lucros exorbitantes e também com crises que afetavam a economia. Tudo isso em meio a essa oscilação na expansão da produção industrial. Porém, a produção, contraditoriamente, continuava declarando a produção da miséria e o enriquecimento de grandes empresários, surgindo assim no Brasil um novo modelo de produção capitalista. (PATTO, 1999, p.33)

Essa nova era capital que se iniciou no século XIX, trouxe reformas e reivindicações sociais que atravessavam fronteiras. Após o início dessa nova era capital, o Brasil viveu um forte momento de imigrações. A busca por melhores condições de vida fez com que, os camponeses migrassem para as cidades maiores e mais desenvolvidas em busca de soluções para seus problemas. Todo esse processo colaborava para a formação de cidades de modo

precário, uma vez que os serviços públicos eram muito escassos, pois a preocupação era com o crescimento industrial. (PATTO, 1999, p.37).

Todavia, não se impedia que os imigrantes entrassem nas cidades, já que sua mão de obra era barata. Assim, formaram-se as vilas, as periferias e posteriormente as favelas brasileiras. Desse modo, ficou marcado o século XIX e início do XX no Brasil: pelo êxito no crescimento industrial e concomitantemente pelo crescimento da pobreza e marginalização da população pobre. Com os avanços tecnológicos e com as mulheres ocupando o mercado de trabalho, surgiu a necessidade de criar um lugar para deixar seus filhos no período de sua ausência. E assim, a partir de lutas feministas que foram criando-se as creches e dando início à expansão dos sistemas públicos de ensino. (PATTO, 1999, p. 49).

2.2 A FECUNDAÇÃO DO FRACASSO ESCOLAR E OS ASPECTOS QUE INFLUENCIARAM O FRACASSO ESCOLAR NO BRASIL

No dicionário Priberam, a palavra fecundação vem do substantivo feminino que significa ato ou efeito de fecundar ou de ser fecundado. Também é sinônimo de fecundação a fertilização, a geração, a polinização e a reprodução.

Ao contrário do âmbito natural acima descrito, na esfera social, a fecundação e reprodução, no caso, do fracasso escolar, têm origens históricas, sociais e culturais que se perpetuam ao longo dos tempos.

No Brasil o fracasso escolar se acentua e se generaliza em meados do século XX, quando a escolarização passou a ser obrigatória e, foi a partir daí, que a maioria da população carente pôde ter acesso à escola. Essa camada vivia, principalmente em áreas periféricas (nos centros urbanos) que foram se constituindo com o passar do tempo, no que passou a caracterizar-se como favelas, locais desassistidos pelo poder público.

O surgimento do fracasso escolar se deu também, a partir do crescimento dos centros urbanos, que passaram a ser formados em grande medida por trabalhadores rurais que migravam em busca de melhorias na zona urbana, reforçando o êxodo rural, e a precarização das condições de vida nas grandes cidades, uma vez que, sem assistência social essa parcela da população passa a viver em construções inadequadas e muitas vezes em situações desumanas (PATTO, 1999).

No que tange ao processo de expansão do acesso à escola pública em meados do XX, Gomes (2004) destaca que a escola em que o ensino era limitado a alguns, passa a ofertar um

ensino para todos, porém, não se modificou ao receber esse novo sujeito, não reviu suas exigências e não identificou dificuldades e carências desses “novos alunos”, o que acarretou em altos índices de reprovação e evasão ainda nas primeiras séries do antigo curso primário.

Essa escola ao mesmo tempo que cumpria um papel democrático de acessibilidade, passou a cumprir também o papel de disciplinar o sujeito em um modelo de docilização. (PATTO, 1999)

O fracasso escolar se concretiza, assim, no baixo índice de aprendizagem e desenvolvimento desses sujeitos que muitas vezes ocupam o espaço escolar, apenas para reproduzir o que foi dito pelo docente. Nesse sentido, podemos considerar a aprendizagem, somente como um processo mecânico de reprodução.

Com relação aos desafios da democratização do ensino brasileiro em meados do século XX, Gomes (2004 p.46) destaca que a expansão do ensino público não significou sua consequente democratização, uma vez que a expansão e exclusão foram aspectos que passaram a caminhar juntos e assim com o passar dos anos tínhamos uma escola pública, cada vez mais reprovadora e excludente. Com isso, a democratização das escolas públicas garantia o acesso, mas não assegurava a permanência com efetiva aprendizagem desses estudantes.

O grande número de reprovados deixava claro como o processo de democratização era algo contraditório, pois, o mesmo permitia acesso ao ensino, porém, criava barreiras para a aprovação.

Gomes (2004 p. 45) destaca que o fracasso escolar, expresso pelo grande número de reprovados (que não tinha “capacidade” para acompanhar as exigências escolares), era questionado por aqueles educadores que se preocupavam com o caráter elitista da escola pública brasileira e com a relevância da política da educação.

O fracasso desses estudantes afirma que a escola não estava preparada para ensinar as diversas camadas que foram em busca de ensino. Por isso, cada vez mais as escolas eram priorizadas para a elite.

Em concordância com os aspectos destacados por Gomes (2004) e Patto (1999), autores como, Abramowicz, Rodrigues e Cruz (2009, p. 111): afirmam que para as vertentes marxistas o fracasso escolar pode ser entendido “como expressão e sintoma da desigualdade social vivenciada pelas crianças, pelos jovens e por seus pais das classes populares”.

De fato, o fracasso escolar afeta as crianças mais desfavorecidas socioeconomicamente por não seguirem um padrão sociocultural e de saberes que é imposto pelo sistema educativo. Um clássico exemplo da literatura da área são as falas das professoras entrevistadas e

observadas pela equipe da pesquisa de Patto (1999), quando a autora realizou sua investigação em uma escola pública em uma periferia de São Paulo, na década de 1980. As docentes se referiam de modo pejorativo aos seus alunos desde as vestimentas, até à organização do material escolar e escrita:

Aluno A1- Ele é grandinho, tem uns 11-12 anos. Se destaca pela idade; não sei quantas vezes repetiu a 1º série, a gente não tem estes dados. Ele sente que é o mais velho da classe. Não tem vontade que as outras crianças têm. É devagar, relaxadão, tem problema financeiro total, ajuda o pai a pintar um barraco ou outro na favela. Não trazia a tarefa de casa e justificava, mas entra no ritmo da classe. Vai raspando mas não vou reprovar. Vai mal em língua portuguesa mas em matemática é bom, tem raciocínio. (PATTO, 1999, p. 440)

Aluna M- É a minha paixão. Suja, judiação, não toma banho nunca. É boa aluna, tem 6 irmãos. A mãe “dróme” de dia e de noite. Não lava roupa, usam uns 20 dias e jogam fora. Chamei a mãe dei conselhos-“Precisa dar lanche, lavar roupa, fazer tomar banho” e ela respondeu: “Mas eu durmo muito, D. Marisa”. Eu perguntei: “Por que a dorme tanto, é doente?” “Não sou doente, mas ‘durmo’ muito”. E continua “drumindo “(diz a professora, com muita ironia)”. Eu ensinei a menina a lavar roupa. A criança não acusa a mãe de nada e diz: “Minha mãe estava descansando”. A mãe não faz nada, só “dróme”. A criança se cria à toa. Com tudo isso, é muito alegre. Gosta muito de mim, acho que porque gosto muito dela. Tem dificuldade, não aprende facilmente como G. e o L.mas acompanha, gosta, é interessada, faz por me agradar e não falta nunca. (PATTO, 1999, p 447).

Aluna Z- Ah, a Z... Acho que é “tantã. É gêmea, a irmã é de outra classe, são idênticas, as gêmeas são “tantã”. Não faz nada, nada, somado com nada, multiplicado por nada. A mãe levou em médico, psicóloga e disse que as meninas não tem nada. Não escrevem uma palavra, não leem, não falam. Só ficam na rua o dia todo e o pai não deixar brigar, chamar a atenção; são o xodó do pai. A prova dela é igual a da outra da outra sala. São idênticas. Os mesmos erros, os mesmos borrões. Tem 11anos mas não tem condição nenhuma. (PATTO, 1999, p. 449).

Na pesquisa de Patto (1999) observamos que, após seguidas repetências, os alunos passavam a se considerados como “alunos problemas”, “ruins da cabeça”, “fraquinhos” e eram diagnosticados pelos docentes como portadores de Necessidades Educacionais Especiais (NEE).

Todavia, a autora ressalva que não foram levadas em consideração as condições em que se dava o ensino na própria escola, as condições que esses sujeitos viviam, as atividades que exerciam antes de ir para escola, entre outros fatores. A falta de sensibilidade neste e em outros contextos levou e leva muitos docentes a estarem cada vez mais fazendo relatórios equivocados, indicando até mesmo seus alunos para psicólogos e psiquiatras, que lhes indicam o uso de

medicalização para controlar ou dopar seu comportamento, afim de que eles se encaixem num perfil “tido como ideal”.

Infelizmente o fracasso escolar persiste na história da escola pública brasileira. Muitas crianças das classes populares ao serem matriculadas na escola começam um processo de avaliações formais e informais para se encaixarem em um espaço que parece não ser delas e que parece, muitas vezes, não ter sido feito para elas. Esse processo de avaliação continua quando o seu vocabulário passa a ser questionado ou mesmo desprezado, quando sua vestimenta começa a ser a que não se enquadra naquele padrão exigido. A avaliação de muitas crianças das classes populares vai, portanto, muito além da avaliação de sua aprendizagem objetiva.

Há vários fatores que influenciam o fracasso escolar. Podemos destacar alguns, como: a fome, as péssimas condições financeiras, a falta de moradia e o acesso adequado à escola. Para tanto, são esses fatores exteriores à escola. Mas, qual o seu papel da escola na produção do fracasso escolar?

2.3 O “CAULE” DO FRACASSO ESCOLAR

O caule é um órgão vegetal portador de folhas e de possíveis modificações. O caule tem como função fazer a passagem de nutrientes através do interior até as folhas das plantas. As raízes ganham suas ramificações de baixo do solo, buscando nutrientes para o sustento do caule e assim proporcionar um belo desenvolvimento até o processo final que são as folhas, flores e os frutos. E os frutos colhidos são saciáveis ou não para quem for fazer a colheita. Pois, o sabor dos frutos depende de como foram regadas as raízes.

No âmbito da educação, o termo caule que é utilizado nessa pesquisa é regido por quatro raízes, que apresentam relação que se caracteriza por contribuir para as evasões e reprovações escolares, que distinguem o fracasso escolar que se enraizou no meio educacional.

2.3.1 O “CAULE” DO FRACASSO ESCOLAR E UMA DAS SUAS RAÍZES: A MEDICALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO COM ESTRATÉGIA DE CONTROLE DO (A) CORPO (S)

Na atualidade o aumento do uso de medicalização no Brasil vem sendo discutido por muitos estudiosos que se demonstram preocupados com o crescente número de pessoas, principalmente crianças, que fazem seu uso indevido.

O índice da utilização de medicamentos de tarja preta (metilfenidato) é assustador. O mesmo vem crescendo constantemente. Um dos motivos dessa elevação, se dá devido ao tratamento de crianças e adolescentes com diagnóstico de TDAH-Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade. Muitas crianças que apresentam dificuldade na leitura e escrita estão sendo diagnosticadas como pessoas doentes, o que favorece a medicalização.

Segundo Oliveira, Viégas e Harayama (2016), pesquisas realizadas identificaram que, entre outubro de 2007 a setembro de 2014 houve um aumento na venda de vários medicamentos. O uso da Ritalina, por exemplo, aumentou em 180% em 4 anos.

Esses dados nos fazem entender como é grave esse processo da medicalização que atinge nossa sociedade e nos ajuda a refletir sobre as consequências desse processo que faz com que problemas sociais, sejam classificados como doenças. No que se refere à educação, Pais, Meneses e Nunes (2006), destacam que, “a medicina tenta responder onde o ensino fracassou”. Todavia, o fracasso escolar não é só responsabilidade do aluno e de sua família, mas é, sobretudo, uma responsabilidade da escola.

No ambiente escolar a medicalização colabora para um processo de produção discursiva que justifica as dificuldades de aprendizagem e os comportamentos tidos como inadequados, como sintomas de patologias. Os problemas de aprendizagem são vistos como efeitos de um possível distúrbio, transtorno, síndrome ou deficiência, o que tem influenciado na construção de um olhar pautado na racionalidade médica em relação aos modos de aprender na escola.

Segundo Pais, Meneses e Nunes (2006), atualmente o número de encaminhamentos de crianças aos serviços de saúde mental com demandas sociais vem aumentando. Segundo os autores, os professores ainda estão voltados apenas para o “todo” da sala e quando a diferença de cada um aparece, desafia esse tipo de lógica pedagógica e eles não conseguem redimensionar o ato de ensinar, a didática e os recursos pedagógicos utilizados. Com isso passam a utilizar o argumento da disfunção neurológica como a responsável pelo não aprendizado. Assim, com essa lógica, o fato de uma criança apresentar dificuldades de aprendizagem tem sido traduzido como uma doença que necessita ser tratada com o uso de medicamentos. Tais observações também são feitas por Machado (1997), quando diz que:

Os professores atribuem aos médicos, psicólogos e fonoaudiólogos a capacidade de desvendar as causas do fracasso, o que, por sinal, não é um monopólio da rede pública de ensino e de saúde. E os profissionais da saúde acabam por reforçar o discurso de que as dificuldades no processo de escolarização são devidas a “problemas individuais de saúde ou emocionais das crianças”, recomendando, na maioria dos casos, atendimentos a estas (MACHADO, 1997 p. 78).

No Brasil, a medicalização na educação surgiu no final da década de 1960, e nessa época esse acontecimento foi enxergado por muitos autores como algo negativo, pois argumentavam que a medicina estava influenciando campos que não lhe pertenciam. Logo, o excesso de medicalização estava se tornando um aspecto crítico.

De uma forma geral, os estudos da medicalização se direcionam para a análise e insinuação da intervenção política da medicina no corpo social, por meio do estabelecimento de normas morais de conduta e prescrição e proscricção de comportamentos, o que tornaria os indivíduos dependentes dos saberes produzido pelos agentes educativo-terapêuticos (GAUDENZI e ORTEGA, 2012 p. 03).

Segundo os autores citados, no século XVIII, com o nascimento da medicina moderna e da higiene, “o início da intervenção médica na intimidade das pessoas, fazendo com que os profissionais da saúde e educadores, sobretudo, se tornassem especialistas a quem todos deveriam recorrer em busca de soluções para seus males domésticos”. (GAUDENZI & ORTEGA, 2012 p. 03).

Na época mencionada por Gaudenzi e Ortega (2012), muitos médicos brasileiros foram influenciados pela cultura europeia e voltaram suas pesquisas para a realidade social que estavam vivendo: a falta de higienização urbana. E a partir disso, muitas teses foram produzidas sobre o tema na faculdade de medicina do Rio de Janeiro.

Muitos trabalhos produzidos sobre a higienização escolar, segundo Godra (1998, p. 410), mencionava que a educação estava unida ao projeto de civilização ocidental, pois para os médicos e higienistas da época era imprescindível educar o homem, dominando a natureza na qual ele se encontrava inserido e domando a sua própria natureza. Desse modo, tais estudos demonstravam que a educação era a “medida” e o “remédio” para o objetivo de “instaurar uma ordem civilizada nos trópicos”.

Percebe-se, desse modo, o interesse da medicina pela educação com o intuito de ser capaz de produzir uma nova sociedade e um novo indivíduo. Bem como demonstrar à sociedade que a medicina é uma ciência que resolve todos os problemas, inclusive o fracasso escolar.

Os diagnósticos médicos, as prescrições e o uso de medicamentos na escola acabaram por suprir uma responsabilidade pela aprendizagem dos estudantes que é da própria escola. Infelizmente, o uso de tais medicamentos gera a dependência por muitos anos na vida dos sujeitos. Atualmente, a medicalização está ganhando cada vez mais uma grande proporção, servindo como instrumento de controle para casos de comportamentos e dificuldades na aprendizagem de educandos. A escola e também os pais desconsideram os perigos dos efeitos

colaterais que podem se originar devido ao consumo dessas drogas. E quem ganha com isso é a grande indústria farmacêutica.

2.3.2 A SEGUNDA RAIZ: PSICOLOGIA DIFERENCIAL

O nascimento da psicologia científica aconteceu na Alemanha no ano de 1879, a qual juntamente com a psicologia diferencial, buscava investigar as diferenças existentes entre os indivíduos e grupos. A psicologia diferencial, assim como ficou conhecida, tinha como objetivo principal medir a capacidade e o desenvolvimento intelectual, a partir da determinação hereditária (PATTO, 1999, p.58).

Assim, Galton (1822-1911), o principal responsável pela pesquisa que revolucionou os estudos sobre a capacidade humana, acreditava que na construção familiar o sujeito que tivesse parentes escolarizados, teria um bom desenvolvimento na escola. O autor usava esse mesmo argumento para explicar o fracasso escolar: crianças cujos membros da família não fossem escolarizados, certamente fracassariam na escola.

Nesse viés, acreditava-se que, do mesmo modo que a inteligência acadêmica era herdada, supunha-se que o fracasso escolar era algo herdado da genética familiar. Assim sendo, os estudos da psicologia também demonstravam que quem ocupava os melhores lugares escolares eram os mais ricos e escolarizados. (PATTO, 1999, p.60).

No campo da psicologia constrói-se a ideia de que o fracasso escolar era hereditário. Com o passar dos anos e também com o avanço das pesquisas surge a ideia de anormalidade. Segundo Patto (1999), nesta época criam-se classificações tais como “anormal”, referente a aqueles que apresentavam problemas de aptidão escolar e de desenvolvimento do intelecto. Assim, as crianças tidas como “anormais”, ou seja, aquelas que apresentavam problemas no desenvolvimento escolar passavam a ser consideradas o que atualmente chamamos de “criança problema”.

Nessa perspectiva, cabe salientar que quando conversamos com professores e gestores escolares sobre problemas de aprendizagem e comportamento, o primeiro argumento que surge é a necessidade da presença do psicólogo na escola. Talvez por uma herança que advoga super poderes à medicina e à psicologia, acredita-se nas prescrições médicas para problemas de aprendizagem e comportamento e na presença do psicólogo na escola como tábua de salvação para tais “males”.

Assim, gestores e professores terceirizam uma responsabilidade que cabe a eles. Esse é então, um primeiro aspecto do “psicologismo” na escola: por não conseguir dar conta de questões de aprendizagem e comportamento que são complexas e exigem empenho, estudo, diálogo, reformulações curriculares e das práticas didáticas e avaliativas, a escola opta pelo “salvador” da pátria: o psicólogo, como se ele tivesse a fórmula mágica, ou até mesmo capaz de resolver questões que dependem de fatores mais complexos, tais como boa formação do corpo docente, diálogo aberto e construtivo com pais e comunidade, reformulação de práticas didático-pedagógicas, mudança das práticas avaliativas, melhores condições estruturais e de melhores condições de trabalho na escola.

Enfim, numa saída rápida e simplista, opta-se pela presença do psicólogo na escola, como se ele fosse capaz de resolver o fracasso escolar que é, na verdade, o resultado de todos esses fatores: falta de estrutura na escola para ensinar e aprender, opções metodológicas ineficazes e excludentes, um currículo defasado, salas de aula lotadas, precária formação inicial e continuada dos professores, falta de envolvimento efetivo e consistente com pais, responsáveis e comunidade.

Outro fator importante para ser considerado é a presença dessa crença construída no século XIX, em que acredita-se que as crianças cujos membros da família não são escolarizados, certamente fracassariam na escola.

Uma ideia que tem início com respaldo científico transforma-se em senso comum e impregna-se nas práticas cotidianas e nos pensamentos dos sujeitos. Dessa maneira, colocam-se no estudante pobre, desde o início (pelo fato dele ser pobre e filho de pais não escolarizados) baixas expectativas, e com isso, espera-se como um fator “normal” sua não aprendizagem escolar. “Anormal”, “extraordinário” é aprender, é sair bem nos estudos, contrariando expectativas negativas e verdades consolidadas, ou seja, a escola não assume a culpa de que a produção do fracasso escolar também parte dela. E assim, a mesma não assume a sua responsabilidade.

2.3.3 A TERCEIRA RAIZ: A TEORIA DA CARÊNCIA CULTURAL

Entre as diversas respostas e questionamentos sobre o fracasso escolar, destaca-se a teoria da carência cultural que tem amplamente um caráter negativo, assim como explica alguns teóricos, em especial Patto (1999). A teoria da carência cultural postula que o fracasso do aluno se dá devido à carência do ambiente onde ele vive.

Esse pensamento deixa claro que as crianças pobres têm dificuldade em aprender porque tem menos “cultura” que as crianças ricas. Essa crença, todavia, não leva em conta os fatores socioculturais que influenciam diretamente nos fatores físicos, emocionais e cognitivos de cada sujeito, e que prejudicam seu desenvolvimento escolar.

A teoria da carência cultural se sustenta pelo termo “ambiente”. Essa concepção de ambiente tem uma visão biologizada da relação social ligada ao meio cultural, e assim, numa visão, no fundo discriminatória, crianças que nascem e crescem em um ambiente “carente” automaticamente fracassarão na escola.

Como afirma Patto (1999), a “carência cultural” das classes populares é a responsável pela falta do despenho escolar. E assim, as crianças das classes populares que possuem dificuldade na aprendizagem são vistas como inferiores culturalmente, enquanto que as ricas são consideradas superiores.

Com isso, os sujeitos que detém maior poder aquisitivo terão automaticamente um melhor desenvolvimento escolar. Assim “naturaliza-se” a ideia de que crianças pobres, moradoras de ambientes “carentes”, automaticamente terão seu desenvolvimento de aprendizagem fragilizado, dificuldades para aprender e uma capacidade inferior na construção dos conhecimentos.

Assim, movidos pela teoria da carência cultural, muitos professores colocam baixas expectativas em seus alunos pobres e se contentam com resultados modestos ou muito fracos. Todavia, não existe sujeito desprovido de cultura. Existe sim, criança de cultura e realidade diferente que não é valorizada pela escola.

2.3.4 A QUARTA RAIZ: AS TEORIAS RACISTAS

De acordo com Patto (1999), Joseph Artur de Gobineau era filósofo diplomata, responsável pela criação das teorias racistas. A obra, intitulada “Ensaio sobre a Desigualdade da Raça Humana”, foi uma verdadeira arma para o meio social, por afirmar o preconceito diante da sociedade nos tempos modernos, asseverando a superioridade entre a raça branca em geral.

Segundo Patto (1999 p.92) “a tese da inferioridade do não branco era especialmente útil, tanto nos países colonizadores como nos colonizados; nos primeiros, justificava a dominação de povos; em ambos, desculpava a dominação de classe”.

Essa tese defendia um país liberal, acreditando que o país estava livre e “puro”, se passasse pelo processo de branqueamento da sociedade. Assim como caracterizava o conde

Gabineau, o Brasil estava marcado pelo fracasso, pois o mesmo apresentava raças inferiores e não tinha futuro por que a miscigenação geraria mestiços e não teria futuro. A única salvação seria a imigração europeia para o país.

CASO ESPECÍFICO NO BRASIL

Segundo Patto (1999 p. 78), a articulação das políticas no Brasil ocorreu no início do ano de 1889 e assim nasce a égide intelectual do liberalismo. É nesta época que as raízes nacionais dominantes passam a explicar as diferenças entre os grupos ou raças.

Segundo, Romero e Azevedo (1985), acreditava-se que a inferioridade racial fazia parte da população brasileira, uma vez que caracterizava os negros e mestiços como seres incapazes de interiorizar sentimentos.

Para Patto (1999, p. 98) a visão do teórico Freyre acaba por admitir o espectro preconceituoso que serviu para reforçar, ao invés de combater, o preconceito racial. Para Gilberto Freyre havia uma convivência pacífica, harmônica e democrática entre negros, indígenas e descendentes de europeus.

Freyre, passa-nos uma relação de cumplicidade entre os negros e os brancos. Todavia, ambos ocupam condições muito diferentes na sociedade que se estabelecem por relações que são intermediadas pela submissão provocada pelo racismo.

Destaca Patto (1999) que o teórico relata que o negro conhecia a sua posição dentro da casa grande, e que as suas funções e relações, já era clara para o escravo. Entretanto, apesar dessa cumplicidade afirmada por Freyre, a vida do negro se caracterizava pelo trabalho escravo e afazeres domésticos. Além disso, o negro ocupava espaço na literatura brasileira não como uma quebra de preconceito ou afirmação do seu povo e das suas lutas, mas sim, como uma imagem do caipira, típico dos trabalhadores das zonas rurais que vão em busca de melhores condições de vida em São Paulo.

Patto (1999) sublinha que o Jeca Tatu, uma das personagens de Monteiro Lobato (1882-1948), caracterizou a chamada Literatura Regionalista Pré-Moderna no início do século até 1922. O personagem foi criado como uma forma de denunciar a sua indignação sobre as misérias sociais da I República, só que o mesmo não passava de um humilde lavrador, aparentemente deprimido, preguiçoso, que vivia recluso na Serra da Mantiqueira.

Segundo a análise de Patto (1999) a história de Jeca Tatu expressa componentes ideológicos fundamentais que formaram a consciência urbana recente sobre o mundo rural. A

história de Jeca Tatu expressa a visão preconceituosa entre o meio rural e urbano e se impregnou também nas escolas.

Assim, a teoria da carência cultural também pressupõe que a pessoa do meio rural e urbano, caso seja negra, ocorrerá uma junção entre as teorias raciais e da carência cultural. Desse modo, pressupõe-se que a pessoa do meio rural, por ser atrasada, humilde, preguiçosa e distante dos avanços da cidade, automaticamente terá um fraco aprendizado escolar que pode ser aceito com naturalidade. Além disso, ele também sofrerá com o racismo.

As condições sociais do sujeito foram fatores que afetaram o desenvolvimento educacional afirmando o fracasso escolar. A medicina já havia constituído uma psicologia educacional e reafirmava o branqueamento da raça por acreditar que os cruzamentos entre o negro e branco eram uma ameaça à espécie e aos destinos do povo brasileiro. Com isso, formou-se o movimento internacional de higiene mental que buscava a explicação para o insucesso escolar. A partir da miscigenação entre negros e brancos, o meio educacional começou a ser dividido pelos médicos e psicólogos, que começaram a lecionar para responder a essa higiene mental.

E assim, nas escolas tanto professores quanto alunos estavam sujeitos à higiene mental. Patto (1999 p.111) destaca que a higiene mental do professor era tida como condição necessária ao bom encaminhamento do processo educativo.

O uso de medicalização como uma forma para corrigir o comportamento desses sujeitos foi e é algo muito discutido a partir de muitos teóricos. Essa nova forma de corrigir o comportamento que a escola não controlava, fez com que muitos estudantes vivessem por meio de remédios. Assim, essa primeira raiz se perdura durante muito tempo no meio educacional, uma vez que ainda encontramos essa ideia da medicalização na escola.

A segunda raiz ainda se sustenta no meio educacional com a ideia de que a inteligência é herdada através da herança hereditária, acreditando que quanto mais parentes com um grau de escolarização, maior e melhor é o desenvolvimento escolar. Infelizmente o racismo ainda está presente na escola, por meio de práticas pedagógicas, opinião de educadores, matérias didáticas, etc. O psicologismo ainda é uma das tábuas de salvação na escola, para a questão da aprendizagem e questões de comportamento de estudantes. E assim, todas essas raízes ainda estruturam o caule da educação.

3. CAMINHOS METODOLÓGICOS

Meu objeto de pesquisa parte da execução de um estágio no terceiro período da graduação do curso de Pedagogia. O estágio fez parte do componente curricular exigido pela disciplina “Ensino e Aprendizagem da Educação e Alfabetização”. Foi a partir do desenvolvimento desse estágio, que pude observar que o docente já tinha classificado os alunos que iriam passar e os que iriam ser reprovados, sendo que estávamos apenas, há três meses do início do ano letivo. Isso se caracteriza às “rotulações” que Patto, (1999) discute na obra “A Produção do Fracasso Escolar: Histórias de Submissão e Rebelia”.

Durante o período da atividade acadêmica tive a oportunidade de presenciar momentos de expulsão de alunos que não viam a escola como um espaço de aprendizagem e sim como um lugar que não lhes representava, pois, seu comportamento afirmava que o seu desenvolvimento cognitivo e educacional tinha sido deixado de lado por não se encaixarem no perfil exigido pela escola.

Diante dessas vivências em um ambiente escolar, busquei estudar e entender como o fracasso escolar se produz e reproduz no contexto educacional. Para isso optei por investigar um garoto de 14 anos, morador da cidade de Amargosa que no ano de 2016 cursava o 3º ano do Ensino Fundamental I, pela segunda vez. A partir dessa escolha me fiz as seguintes perguntas: Quem é esse garoto? O que ele faz? Essas perguntas me ajudaram a elaborar um roteiro de questões para uma entrevista que realizei com o garoto.

Através desse roteiro, objetivou-se saber qual o nível de escolarização dos seus pais ou responsáveis, e o que levou/levava a ser reprovado, qual o motivo da sua reprovação, o que faltava para alcançar o sucesso nos estudos, e por fim o que ele pretendia ser quando crescer. Além do mais, fazia-se necessário saber a opinião desse aluno sobre o fracasso escolar. Para tanto, foi elaborado um roteiro de questão para todos os participantes (todos os roteiros seguem em anexo). Todos os nomes utilizados são fictícios para preservar a identidade e o sigilo das informações fornecidas.

Para maior aprofundamento sobre o garoto, além da entrevista feita, buscou-se conhecê-lo melhor através da sua mãe. O roteiro aplicado tinha como objetivo entender, qual a relação da escola com a família, o que levava o garoto a ser reprovado, e se o fracasso escolar era atribuído a quem: à escola ou a ele.

Sendo assim, buscamos também conhecer a visão da docente de Pedro. Ela foi professora do garoto no ano de 2018. O roteiro para ela seguia as seguintes preocupações: o

fracasso escolar era produzido na escola ou em casa, o contexto social tem impacto na aprendizagem?

Como já mencionado, tive como base fundamental dessa pesquisa o livro “A Produção do Fracasso Escolar: Histórias de Submissão e Rebeldia”, de Patto (1999). A pesquisa da referida autora trouxe inspirações, a partir das histórias do fracasso escolar, relatadas e analisadas por ela e como estas eram vistas pelas docentes, já que a produção das mesmas, segundo Patto (1999) se dava no contexto escolar. Com as leituras, foi possível perceber a forma de descrição de cada sujeito, possibilitando conhecer a história de cada um deles, desde o contexto educacional até o modo de vida atual.

Com relação ao garoto, para responder às perguntas problematizadas no roteiro de entrevista, foi necessário estabelecer os primeiros contatos a partir de “conversas” de cunho semiestruturado. Por isso, optei por esse modelo de estruturação por ter como base o direito de fala do sujeito que busca focar sobre o assunto. Isso também favoreceu a descrição dos fatores sociais buscando manter um detalhamento sobre a coleta de dados.

Para maior fundamentação e aprofundamento dessa pesquisa, buscamos informações a partir da observação participante.

Segundo Valadares,

A observação participante implica em necessariamente, um processo longo. Muitas vezes o pesquisador passa inúmeros meses para “negociar” sua entrada na área. Uma fase exploratória é assim essencial para o ulterior da pesquisa. O tempo também é um pré-requisito para os estudos que envolvem o comportamento e a ação dos grupos: O tempo é também pré-requisito para os estudos que envolvem o comportamento e a ação de grupos é necessário observa-los por um longo período e não em um único momento. (VALADARES, 2005, p. 320).

A observação participante se caracteriza pela negociação e o tempo que o entrevistador leva para iniciar sua coleta de dados, pois requer um tempo muitas vezes longo e flexível para a ida a campo.

3.1 IDAS E VINDAS

Idas e vindas foram fatores essenciais para firmar uma confiança até a coleta de dados com os referidos sujeitos que fazem parte dessa pesquisa. O primeiro contato foi em uma instituição escolar da cidade com o garoto de nome Pedro. Uma rápida conversa nos corredores da instituição avançou em querer conhecer a sua história escolar. E assim, em um dia após a

prova de matemática, trocamos algumas conversas e caminhamos juntos até a metade do seu trajeto para casa.

Após alguns dias, foi possível conhecer a mãe de Pedro. Dona Maria tinha ido à escola informar que o mesmo estava doente e não ia para a aula. No dia seguinte nos encontramos na rua e ela estava com o semblante abatido, pois, na noite anterior houve apreensões no bairro, e justamente um dos seus filhos foi preso.

E assim se passaram três anos e muitas inquietações sobre o paradeiro deles iam surgindo. Com isso, procuramos informações sobre essa família com a direção da escola, que indicou a professora de Pedro no ano de 2018. E em seguida buscou-se uma reaproximação com a mãe dele.

O interesse inicial era saber o quanto ele tinha avançado nos estudos durante esse tempo sem ter um contato com o mesmo. Quando nos reencontramos, foi possível perceber que ele havia avançado, mas corria o risco de fazer um provão final, pois, segundo a professora Eliza, as conversas paralelas lhe atrapalhavam em sala. E assim, discutimos um pouco sobre a pesquisa que iria desenvolver, sendo que apresentei interesse em fazer uma entrevista com a mesma. De início, não hesitou em participar. Com isso, no dia seguinte ao retornar a escola para a realização da entrevista, foi necessário um gravador, lápis, caderno, e o roteiro (como precaução).

Em seguida, caminhamos até a casa de Pedro e lá ficamos sabendo que depois de muita luta dona Maria tinha conquistado a sua residência própria. Nesse nosso segundo encontro conversamos e falamos sobre o interesse em entrevistá-los. Nesse encontro realizamos a entrevista, mas o que me chamou atenção foi o silenciamento desses sujeitos em expor as suas opiniões referentes ao que era perguntado. Dessa maneira, houve a necessidade de ir a campo novamente para tentar colher respostas para responder as inquietações que foram respondidas no decorrer desse trabalho.

A ida à casa de Pedro e na escola foi essencial para esta pesquisa, pois em cada visita foi possível encontrar fragmentos que a enriqueceram. Sempre que ia a campo, ia com um propósito em mão. Nesse viés, Valadares (2005) relata que, para o desenvolvimento da observação participante o pesquisador necessita de um contato maior com o entrevistado:

Uma observação participante não se faz sem um “Doc”, intermediário que “abre as portas” e dissipa as dúvidas junto às pessoas da localidade. Com um tempo o informante-chave passa a se colaborar da pesquisa; é com ele que o pesquisador esclarece algumas das incertezas que permanecerão ao longo da investigação. Pode mesmo a chegar a influir nas interpretações do pesquisador, desempenhando, além de mediador, assistente informal (VALADARES 2005 p. 154).

Antes de fazer a entrevista com Pedro, que nessa pesquisa descrevi como uma conversa, estabeleci outros contatos para firmar uma relação maior de confiança e segurança com ele. O primeiro contato aconteceu há dois anos atrás em uma escola da cidade de Amargosa, escola esta que foi executado o estágio curricular mencionado.

Depois disso estabelecemos um contato direto até o surgimento da realização da presente pesquisa. Nesse sentido, foram feitas 3 visitas na escola em que ele estuda, tendo como privilégio acompanhá-lo até a metade do percurso do caminho até próximo a sua casa. Depois desses primeiros contatos com ele, foi necessário ir até a residência para a coleta de dados e rever sua mãe dona Maria que também faz parte dessa pesquisa. Para todos os encontros com os sujeitos da pesquisa utilizou-se de materiais tais como gravador, lápis, papel, etc.

Como método para a realização das entrevistas de cunho semiestruturado, buscou-se como base um artigo “A entrevista como método: uma conversa com Eduardo Coutinho”, de Fernando Frochtengarten que, ao falar do método de entrevista do cineasta Eduardo Coutinho, destaca que o mesmo prima pela autonomia dos entrevistados em seus documentários. Ao invés de entrevista, o cineasta utiliza o termo conversa.

As entrevistas têm um lado jornalístico e de depoimento. Entrevistas e depoimentos são coisas para a História. São coisas que se fazem com especialistas. E eu trabalho com pessoas comuns. A pessoa conta um fato histórico e, se ele é verdadeiro ou não, deixa de ter importância. As conversas são conversas porque falo com pessoas anônimas – ninguém é anônimo, mas enfim... – relativamente comuns ordinárias no sentido antigo do termo. Têm pouco a perder e por isso são interessadas. Um intelectual ou um político de esquerda ou direita têm muito a perder. Então eles se defendem. E as pessoas mais comuns têm pouco a perder. Talvez na vizinhança. Essa é a primeira razão pela qual as pessoas ditas comuns são mais interessantes (FROCHTENGARTEN, 2009, p. 128).

Frochtengarten salienta que o cineasta considera as informações trazidas pelas “pessoas comuns” muito importantes, pois as mesmas trazem uma imensa riqueza de referências, dados e conhecimentos. Apesar dessas falas não serem vistas como destaque para boa parte das pessoas, pois não pertencem às pessoas consideradas importantes socialmente, para Coutinho elas são ricas e nos revelam coisas muito importantes sobre a realidade da vida.

Nas descrições feitas pelo cineasta durante a conversa com o jornalista Frochtengarten, Coutinho mostra que em suas filmagens também optou em fazer uso da observação participante. Mesmo não utilizando o termo observação participante, o cineasta nos mostra a relação entre sua metodologia de “coleta de dados” e a metodologia dos pesquisadores acadêmicos que fazem uso deste tipo de observação/pesquisa, como foi o caso do presente estudo.

A observação participante utilizada nessa pesquisa se caracteriza a partir de estudos empíricos em seu ambiente natural. Assim tal qual o cineasta, valorizou-se o contato direto com o ambiente que foi pesquisado. A partir de estudos intensivos sobre o que foi pesquisado, a observação participante que compõe pesquisas qualitativas tem maior ênfase no seu desenvolvimento durante a coleta de dados. Para isso é necessário que o pesquisador esteja munido de gravadores, caderno e uma caneta, etc.

4. DIFERENTES VISÕES SOBRE O FRACASSO ESCOLAR: AS PERSPECTIVAS DOS SUJEITOS

4.1 COLHENDO OS FRUTOS

A pesquisa de cunho qualitativo necessita de um cuidado nas observações. A ida a campo como já foi dito anteriormente, proporcionou observações e conversas (semiestruturadas). Dessa maneira, foi pensado em um roteiro para esse processo, mas na sua execução seguia de forma livre, pois o mesmo foi pensado para orientar o procedimento da coleta de dados de forma flexível. Ao longo das entrevistas os depoentes puderam apontar algumas questões que foram problematizadas no decorrer deste capítulo.

O silenciamento às vezes tomava conta da entrevista. Diante disso, foi preciso fazer uso de outros meios para não perder as informações expressadas. As narrativas da professora Eliza e de Maria, mãe de Pedro, durante as entrevistas, consistiram na vivência de ambas com o menino. Em especial, a pesquisa de Patto (1999), foi fonte inspiradora para a condução das minhas entrevistas com os depoentes.

O pesquisador deve ter um olhar sensível para as reflexões contidas nas falas dos entrevistados. Por diversas vezes deparei-me refazendo as perguntas e indo a campo para uma nova observação. Esse processo foi importante para o desenvolvimento da pesquisa, mas deixou ciente o silenciamento dos sujeitos diante das inquietações impostas, relatos de bullying, entre outros.

4.1.1 MULTIPLAS FACETAS

A escola de Pedro

No ano em que a pesquisa foi realizada Pedro estudava na escola, denominada Centro Educacional Bem-me-quer. A mesma é composta por dois prédios sendo que um funciona no anexo e o outro na sede. A escola fica localizada no município de Amargosa/Ba e atende as clientelas dos bairros do Rodão, Gamboa, 2 de Julho e São Roque. Além disso, as etapas de escolarização vão desde a Educação Infantil até o quinto ano dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

Localizada próximo ao centro da cidade, a instituição tem aproximadamente 209 estudantes matriculados que estão distribuídos entre os turnos matutino, vespertino e o noturno

com o ensino do EJAI². A procura pela escola no início dos anos letivos para as matrículas, acontece devido a sua localização, pois fica próximo as residências dos sujeitos, o que tranquiliza os pais quanto à ida das crianças para a escola sozinhas e também por desenvolver um bom trabalho em comparação às demais instituições escolares.

Porém, a mesma disponibiliza de pouco espaço para a realização de algumas atividades, não tem um refeitório para que todas as crianças possam fazer as refeições juntas, por isso teve que aderir a um processo de revezamento na hora do lanche. Logo, o lanche começa a ser servido a partir das turmas menores até os maiores, mas cada um com alternância de 5 minutos para cada turma.

A sala onde funciona a secretaria da escola é dividida com a diretora, os técnicos administrativos e a coordenadora pedagógica. A escola tem apenas três salas de aulas pouco arejadas, uma copa, um banheiro e um pátio.

As professoras recebem o apoio da coordenadora em uma das salas da instituição que atende todas as turmas. As reuniões com a coordenação acontecem nas segundas-feiras, logo após a aula do turno vespertino. A coordenação tem duração de duas horas e esse momento serve para informar o conteúdo que será trabalhado durante a semana e também para passar os informes.

De acordo com a Secretaria de Educação Municipal, a organização do ensino é dividida em Ciclos de Aprendizagem. O primeiro ciclo atende do 1º ao 3º ano, já o segundo ciclo do 4º ao 5º ano. Na pesquisa, a professora escolhida para a entrevista atende ao segundo ciclo.

O objetivo dessa organização escolar é amenizar o grande índice de reprovação e fracasso escolar e tem como finalidade avançar nas aprendizagens ao longo dos anos. A instituição também trabalha com o plantão pedagógico, uma reunião individual com pais ou responsáveis onde são apresentadas as notas juntamente com as necessidades e os avanços nas disciplinas curriculares. A criação do projeto plantão pedagógico surgiu, a partir da necessidade de aproximar os pais para participar ativamente da vida escolar dos seus filhos, já que poucos participam por mais que a localização da escola fique próxima às residências dos mesmos

A professora Eliza

Eliza leciona no 5º ano do segundo Ciclo, tem 29 anos, é casada, se reconhece como parda e demonstra ter uma condição social estável, se comparada aos seus estudantes. Durante

² EJAI (Educação de Jovens, Adultos e Idosos). É um programa do governo que visa oferecer o Ensino Fundamental e Médio para pessoas que já passaram da idade escolar e que não tiveram oportunidade de estudar.

sua trajetória profissional no meio educacional essa é a primeira turma que assume, pois sempre esteve à frente da coordenação de um clube que tem atividades interativas para os associados.

A docente, apesar do pouco tempo em sala de aula, relatou que em sua turma há 3 crianças repetentes e considerada pela escola como “crianças problemas”.

Eliza nasceu na cidade de Amargosa/Ba e mora no bairro do Rodão, é filha de pais separados e foi adotada pelo tio que é dono de comércio de grande porte financeiro da cidade. Ela é filha única e durante a sua infância teve acesso a aulas de computação e inglês, além de estudar em um dos melhores colégios privados que tem na cidade, classificado como o “melhor”.

Já no Ensino Médio estou em um colégio público, pois futuramente tentaria a bolsa para cursar a universidade pública localizada na cidade. Hoje, é recém-formada em licenciatura em Pedagogia e é professora efetiva da escola acima mencionada.

A escolha desta docente não se deu devido ao tempo que leciona, mas sim por ser a professora de alunos que a escola já classificou como os “alunos problemas” pela falta de desenvolvimento esperado na aprendizagem.

No geral as escolas prezam pela organização disciplinar e pelo desenvolvimento homogêneo dos alunos. Para isso a alternativa é tentar docilizar os corpos para ter o controle esperado.

Com o passar dos anos o terror e a agressividade passaram a ser repudiados pela sociedade. Isso fez com que, surgisse outros mecanismos sutis para docilizar o corpo. Esse mecanismo começa a surgir a partir das avaliações, da organização do espaço, pequenas ameaças, anotações, castigos, entre outros.

Dona Maria

Dona Maria tem 45 anos, é negra e separada. Ela nasceu no distrito da Canbaúba que pertence à cidade de Amargosa. Durante a sua infância dividia as horas vagas ajudando os pais na lavoura de cacau. A mesma estudou até a 3º série e contou que não foi “suficiente para aprender a ler e assinar o nome porque tinha que ajudar os pais na lavoura”. (Entrevista, Dona Maria, 2018).

E assim viveu até conhecer o seu ex- esposo, com quem namorou dois anos e em seguida casaram e com muita dificuldade foram morar na cidade de Amargosa em busca de melhores condições, mas não foi o que encontraram.

Assim como muitas famílias vão para a cidade em busca de melhoria de vida, com D. Maria não foi diferente. Reforçando o êxodo rural, a busca por uma nova vida e novas oportunidades, muitas vezes se torna uma decepção, devido às condições de vida que são ofertadas na cidade.

Segundo Guerra (2002, p. 9):

O êxodo traz, no fundo, essa marca do se deixar diluir nas cidades, nas ruas, nos caminhos, nas memórias. O camponês se faz em tessituras de relações primárias. Ele conhece e se relaciona com o seu vizinho, o seu compadre, o comerciante. Ele cria laços pessoais e os honra com a palavra e com os gestos de sua cultura, onde indivíduos, atores, papéis e personagens se confundem. A cidade grande impõe um outro tipo de relação em que as pessoas são submetidas/reduzidas aos seus papéis (GUERRA, 2002, p. 9).

Nessa busca incessante por melhores condições de vida, acaba partindo para uma inversão de papéis, construindo novos laços, novos espaços, mas se afirmando como fracassado.

O primeiro encontro aconteceu em 2015 na rua da sua residência, onde ela se encontrava preocupada, pois um dos seus filhos havia sido preso, e nesse momento buscava por ajuda e apoio para que o mesmo respondesse em liberdade. E assim se passaram três anos, e novamente nos encontramos, e dessa vez na sua residência para entrevista-la.

Segundo Maria, foi com muita luta que conquistou a casa própria há dois anos no bairro onde residem. Mas com uma tristeza no olhar, ela contou que seu esposo saiu de casa por não aguentar ver os seus filhos serem presos ou ter a porta da casa sendo arrombada por bandidos querendo dinheiro para pagar as drogas para que seus filhos não fossem mortos. Com isso o que lhe resta é manter Pedro longe desse mundo.

Sua aparência sofrida também é resultado das lutas diárias. Tem um semblante triste por não entender o porquê de seu filho não avançar nos estudos.

Maria demonstra em sua fala que isso lhe entristece, fazendo com que a mesma não vá até a escola, pois está cansada de ouvir sempre as mesmas coisas sobre Pedro.

No projeto Plantão Pedagógico Maria teve acesso à caderneta com as notas, onde viu em quais pontos Pedro precisa melhorar e os avanços que obteve.

A escola passa a total responsabilidade da falta de desempenho escolar, visando que os pais são os responsáveis pela falta de avanço. Sendo que a responsável por essa falta é a escola, pois não vê as condições de vida desse estudante.

Nesse viés, é importante ressaltar que a compreensão obtida do Projeto Plantão Pedagógico, é que a escola apenas informa aos pais as notas dos filhos e os pontos que os

mesmos precisam melhorar. Segundo o relato da professora Eliza, cabe aos pais auxiliarem seus filhos nessas dificuldades apresentadas. Dessa forma, a escola passa aos pais a responsabilidade pelo bom ou mal desempenho dos filhos, sendo que a responsável pela aprendizagem da criança é a escola, uma vez que a instituição escolar é lócus privilegiado na construção dos conhecimentos, e com isso, faz-se necessário promover um significativo e proveitoso processo de ensino e aprendizagem para todos os envolvidos.

É como se ela dissesse aos pais que já fez a parte dela. Todavia, muitos pais não têm condições de fazer esse acompanhamento da aprendizagem que a escola parece exigir deles. Dona Maria é um exemplo.

Pedro

No ano em que a pesquisa foi realizada, Pedro cursava o 5º ano dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental e tinha 14 anos. Ele é negro e no seu semblante traz marcas de tristeza devido a sua repetência e classificação como “aluno problema” da instituição.

O mesmo já repetiu o 3º ano duas vezes, e com isso carrega as marcas do “não desenvolvimento” na leitura, dificultando o seu desempenho nas outras disciplinas. Pedro se auto-culpabiliza por não ter o desenvolvimento esperado pela escola. E assim, acredita que é o próprio culpado por não aprender.

Pedro reside no bairro do Rodão, na cidade de Amargosa e há três anos mora em casa própria. Durante toda a sua infância teve acesso ao ensino público. Aos 9 anos foi transferido para a escola que estuda atualmente. Sua transferência trazia alegações de mal comportamento e vinha juntamente com um receituário para consulta com o psicólogo. No entanto, sua mãe afirma que ele não tem problemas psicológicos, seu problema é apenas a falta de desempenho escolar.

Como descrito no Capítulo metodológico, após estagiar na escola e ter o primeiro contato com Pedro, fiquei três anos sem saber do seu paradeiro. Em 2018 fui a sua procura. O primeiro contato foi na escola em que ele estudava, onde se mostrou um pouco tímido e surpreso em me ver. Veio logo deixando claro que estava em aula e que ele agora estava cursando o 5º ano e que não ia ser reprovado. Foi possível perceber que estava avançando, mas fiquei triste por dentro, pois, ele não tinha conseguido quebrar a rotulação que a escola havia imposto de “menino problema” e que era o estoque de reprovações que ainda tinha dificuldades na aprendizagem.

Sempre que perguntava por Pedro aos funcionários da escola, à professora e as demais pessoas sempre ressaltavam uma característica negativa dele. Isso, foi gerando um estoque de rotulações negativas aliado ao estoque de reprovações que ele já tinha.

Pedro vem de uma família de seis irmãos, sendo que três deles são vítimas do tráfico de drogas do bairro onde mora. O mesmo é o filho caçula.

A outra colaboradora da pesquisa foi dona Maria, a mãe de Pedro, onde a mesma contribuiu de forma significativa para a realização desse trabalho.

4.1.2 O SILENCIAMENTO COMO ESCUDO CONTRA O FRACASSO ESCOLAR ENTRE OS SUJEITOS

O silenciamento foi visível nas falas e no calar após as perguntas feitas. O silenciamento não significa apenas calar-se. Calar-se, muitas vezes é um pedido de socorro para sair desse espaço escuro que o sujeito se encontra. Como bem observou Eduardo Coutinho (2009 p.132), as respostas curtas e diretas têm vastos significados e por isso terão uma atenção especial neste capítulo.

Diante dos questionamentos feitos para entender as diferentes visões de cada sujeito sobre o fracasso escolar, foi direcionada uma pergunta para D. Maria se o bairro em que residem interferem no desenvolvimento escolar do seu filho, e a mesma sem nenhuma hesitação disse: “não”. Mesmo com essa resposta, não me contive e questionei o porquê: “A senhora acha que ele não se desenvolve por que? “Oh, é nada, é falta de interesse dele”. (Entrevista, 2018).

Todavia, a professora disse que:

Eu acho que não diretamente. Eu acho que se a família saber colocar como o famoso ditado popular ele no ‘lugar dele’. O bairro não vai interferir em nada. Porque todo bairro de certa forma tem o seu lado periférico, tem pessoas, meninos do bem e os que são envolvidos em coisas erradas. Cabe à família dizer ‘não, você não vai andar com esses meninos, agora é hora de estudar e não de estar na rua’ e por limites (entrevista, Eliza, 2018).

Inicialmente, a resposta da docente apresenta incerteza na fala e a mesma acaba atribuindo a falta de desempenho e interesse como culpa da família, o que possibilitou questioná-la a fim de entender quais as estratégias que a mesma usava para despertar o interesse de Pedro.

Com isso, relatou que:

Como eu comecei agora com essa turma de 5º ano para me foi muito bom porque, assim já são grandinhos e ficou mais fácil trabalhar. Eu buscava trabalhar músicas que eles gostavam, aulas dinâmicas que eu perguntasse e que eles pudessem participar não aquela aula monotona sempre escrevendo assim, que eu acho que cansa mesmo e não desperta tanto interesse. Por isso tem que estar sempre inovando (Entrevista, Eliza, 2018)

Todavia, o seu posicionamento relacionado com a pergunta se o bairro interfere no desenvolvimento do sujeito, juntamente com o questionamento anterior, demonstra que em momento algum a escola buscou despertar o interesse de Pedro, ou qualquer aproximação com a família para estarem – escola e família – juntas, exceto no Plantão Pedagógico, o qual foi implantando na escola, há aproximadamente um ano.

No entanto, a função do Plantão pedagógico é apenas informar as notas e mostrar para os pais ou responsáveis onde a criança tem dificuldades. Todavia, muitos pais não têm estudos ou não tem possibilidades de estar auxiliando seus filhos em casa. Desse modo, o Plantão deveria ser um momento não só para informar os pais sobre as dificuldades, mas, também para apresentar o que a escola está fazendo para sanar aquelas dificuldades. Mas até então, a escola parece passar a responsabilidade do aprendizado da criança para a família.

Dando segmento ainda com a docente, busquei entender sobre o aproveitamento de Pedro nos estudos, já que a mesma o caracterizou como um “garoto problema” que faz barulho, atrapalha a aula, arruma problemas, é briguento etc. Para meu espanto, dona Maria confirmou esse comportamento, mas admitiu que ele avançou, confirmando a fala da docente.

Relata Eliza,

Graças a Deus, comigo ele deu uma melhorada significativa, né. Na leitura mesmo quando eu comecei com ele, não lia praticamente nada. E, hoje, graças a Deus, ele lê com pausa, já quase fluente. As notas deles também melhorou bastante, ele é muito bom em matemática é várias provas que eu fiz ele tirou tipo, valia 4, ele tirou 3,7. Ele é muito bom, até porque ele trabalha com isso lá fora, com vendas, com dinheiro. Ele na verdade, ele ajuda sempre que tem um tempinho vago, entendeu? As pessoas no próprio bairro que coloca para vender salgados, um complementosinho, nada que escravize e que tire ele a atenção dos estudos. Mas, então isso facilita a questão do troco, vender, receber. Isso na sala de aula, graças a Deus tem tido um efeito bom. Português nem tanto por conta da leitura, às vezes ele lê mais não compreende, entendeu? Deu um avanço assim muito bom na leitura (Entrevista, Eliza, 2018).

A docente na sua fala admite o avanço escolar, mas direciona essa conquista para um grupo de vizinhos que ele auxilia nas vendas. Isso nos leva a perceber que a escola não cria estratégias para o desenvolvimento escolar.

Ainda questionando a docente, foi perguntado se a falta de escolarização dos pais interfere no desenvolvimento escolar dos filhos. A docente não hesitou na sua resposta direta, que na sua fala buscava uma confirmação:

Sim, eu acho que sim, né. É o que eu te falei. É relativo, tem mãe que não tem estudos, porém se preocupa que o filho tenha. O caso desse menino, eu não vejo a mãe tão assim. Mesmo porque, pelo que eu vejo quando ela aqui comparece é como se ela já tivesse perdido as “rédias”. Então assim, eu não vejo aquele acompanhamento, não vejo ‘vamos sentar fazer aqui essa atividade, vamos treinar a leitura’. Essa outra família que ele ajuda nas horas vagas, até complementou na leitura. Também devo isso a esses amigos, que treinou bastante a leitura. Então eu acho que a mãe deixa a desejar (Entrevista, Eliza, 2018).

A docente com a resposta direta e confusa deixa evidente que, a falta de escolarização dos pais interfere no desenvolvimento dos filhos. Mas, como os pais analfabetos podem incentivar esse processo escolar, já que os mesmos não o tiveram? Na realidade, o incentivo que a família pode passar é muito vago, já que se espera que ele se construa no contexto escolar.

A partir da resposta da docente, um dos intuitos era saber, qual o real motivo que leva Pedro a estudar: “porque é bom”. Insisto na pergunta: “Mas, porque é bom”? E ele me responde: Eu gosto da escola porque ela é boa e faz bem para ser alguém na vida”. (Entrevista, Pedro, 2018). Pedro acredita que a escola serve apenas para auxiliar para a ser alguém na vida, mas não vê a escola como um espaço formador de ideias e opinião. Espaço esse que, deixou poucas lembranças do ano letivo vivido.

O espaço escolar foi, segundo Pedro, marcado por lembranças boas e ruins. Lembranças ruins de colegas que “faziam arte” e o culpabilizavam, o que deixou-o com a rotulação de “menino problema” e fez com que a direção escolar não enxergasse a verdade. Lembranças boas: apesar de uma visão negativa da escola sobre Pedro, ele também encontrou pessoas boas que ficaram do seu lado.

Essas rotulações negativas foram também responsáveis pelas repetidas reprovações, o que me fez questionar sobre o que o levou a ser reprovado. Sua resposta foi: “Porque eu brincava demais e os meninos só me colocavam em esparro³”. Ou seja, Pedro acreditava que suas reprovações foram causadas por brincadeiras com os colegas.

Apesar da idade, Pedro ainda tem um comportamento infantilizado, pois acredita que o fato de não aprender, é culpa dele mesmo, tirando a responsabilidade da escola. Paro (2001)

³ Esparro: termo coloquial que significa colocar alguém em situação de constrangimento.

destaca como a culpa do aluno pela falta de interesse, pelas dificuldades de aprendizagem, pela falta de esforço se naturalizou como culpa do aluno. Nessa perspectiva, para Paro (2001, p. 120): “em lugar de reconhecerem que o ensino e as condições de aprendizado na escola não conseguem atrair o aluno, de forma que este goste do que lhe é ensinado por uma qualidade intrínseca desse objeto, os educadores em geral buscam no aluno a culpa por seu desinteresse”.

Paro (2001), relata como é a relação do professor com o aluno. O professor não vê o seu método de ensino como precário e nem vê a escola como um espaço que precise de uma reformulação sobre o contexto educacional. A escola enxerga o estudante como culpado pela não aprendizagem durante o ano letivo, o que deixa a desejar no modo de informar a sua reprovação, e a escola não assume que a ensino passado não deu conta para reparar as dificuldades desses estudantes, e assim vai relacionando o fracasso do aluno ao bairro, à família, à condição financeira e pôr fim ao estudante.

A escola busca várias formas e meios para não assumir a sua responsabilidade pelo fracasso do aluno, por isso direciona as causas do fracasso para a saúde psicológica do aluno e também para o bairro em que ele reside. E sempre reforçando a ideia de que o problema está nele. Além disso, a escola também cria mecanismos para passar a responsabilidade do fracasso para a família.

Todavia, o fracasso escolar, como já foi dito anteriormente, é uma produção da escola sobre aquele que não se enquadra no perfil exigido e esperado pela escola, e com isso cria barreiras para aproximar o sujeito ao espaço. Dessa forma, foi questionado a docente, onde acontece o fracasso escolar, se é do bairro para a escola ou vice-versa.

Não, é de lá pra cá. Agora assim, eu ainda acho ele um pouco pior aqui dentro do que lá fora. Porque lá no bairro ele é mais tranquilo, entendeu? A aglomeração de menino lá é bem menor. Como aqui junta todo mundo, e é de bairro né, de outros bairros, aí parece que despeja tudo aqui, né, na escola (Entrevista, Eliza, 2018).

Ao contrário da docente, a mãe de Pedro não sabe o que é fracasso escolar. Por meio da nossa conversa, fica claro que a mesma não tem conhecimento desse processo educacional sofrido pelo seu filho no ambiente escolar. É interessante perceber que a docente diz acreditar no potencial de Pedro, mas para isso, ele precisa de um incentivo da família para avançar. O que também é visível na resposta da docente que ela não conhece ou apenas está reproduzindo um discurso sobre o fracasso escolar, pois o bairro por si só interfere no meio educacional, ao contrário de como é a visão da escola para esse sujeito.

Segundo Guimarães (2017 p.68),

Fracasso e reprovação tornam-se, desse modo, o álibi para seguir colocando a culpa no aluno pela equivocada associação da aprendizagem com a punição e foram incorporados, principalmente, por conta de como se deu a formação de atributos organizacionais dos espaços escolares.

Como Guimarães relata, a falta de interesse e a influência do bairro é um álibi para culpabiliza-lo pelo não desempenho escolar. Até mesmo aderir a condições financeiras do sujeito. Assim, quando foi questionado, tanto a professora quanto com mãe sobre o que é o fracasso escolar, as respostas foram vagas e sem sentido dando a entender que, as mesmas caracterizavam o fracasso, somente como uma reprovação escolar.

Pedro não faz acompanhamento psicológico e nem foi indicado para o psicólogo nesta instituição, mas a docente relata que já indicou outros alunos para buscar ajuda com um profissional para corrigir o comportamento tido como inadequado.

Quando foi questionado a D. Maria, se Pedro sofre bullying devido às reprovações, a mesma disse que: “Não”. Resposta curta e direta, mas, cheia de significado. O não direto deixa claro o pedido de ajuda. O “não” seguido de um semblante triste por não acompanhar os passos de filho, por não entender o porquê de tantas reprovações e ainda não conhecer esse lado do bullying no contexto escolar.

Pedro nunca tinha lhe contado que ele sofria bullying na escola sobre a reprovação. O mesmo não ligava, mas, segundo ele as ofensas eram outras. Nomes pejorativos tais como: “viado” e “Chico da moda”.

No segundo encontro ao retornar à casa de Pedro para refazer algumas questões a ele e a mãe, Pedro novamente mencionou a questão do bullying com relação à sua sexualidade, o que causou espanto em sua mãe por não ter conhecimento do que o seu filho passava.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Colhendo os frutos, foi a última parte desse quebra-cabeça que foi formado durante a leitura e que em cada título trazia uma peça. A peça a ser formada é a de uma árvore. A forma de separação de suas partes compõe os contrapontos que afirmam e reproduzem o fracasso escolar dentro das instituições de ensino.

Em diálogo com os autores estudados, essa pesquisa nos mostrou que a escola não está preparada para atender essa clientela da camada popular. A família sempre está distante do acompanhamento escolar devido às suas condições de vida e já estando distante de acreditar que pode haver solução. No entanto, Pedro expõe sonhos e desejos de avançar.

O fato de não se encaixar neste dito perfil que a escola classifica como o ideal, cria a rotulação de Pedro ser “garoto problema” ou “ruim da cabeça”, levando assim às repetidas prescrições para buscar o tido “reparo”, acreditando que a família é que pode e deve “consertá-lo”. Mas o perfil tido como o ideal não dialoga com a realidade da maioria dos estudantes.

Apesar da medicalização não ser um tema forte nas falas da professora, é importante lembrar que no ambiente escolar a medicalização é um processo de produção discursiva que justifica as dificuldades de aprendizagem, os comportamentos, ou seja, questões atinentes às situações cotidianas vividas nesse contexto, como sintomas de patologias. E a identificação de problemas de aprendizagem é vista como efeitos de um possível distúrbio. No entanto, o que podemos perceber é que muitas vezes o professor não está preparado para lidar com as dificuldades de aprendizagem apresentadas pelos alunos e também não possui uma formação que lhe dê suporte para atuar neste espaço.

Entretanto, é importante que o professor desmistifique esta visão de que o aluno que não se adequa às normalidades impostas pela escola é portador de alguma síndrome ou doença, para assim construir um novo olhar crítico e sensível para este público que apresenta alterações de comportamento e atenção, pois o professor é o agente responsável pelas mudanças no contexto educativo, pois sua prática está relacionada diretamente com o desempenho do aluno para garantir-lhe o pleno desenvolvimento pessoal e social.

As quatro raízes aqui apresentadas foram criadas como respaldos para explicar o fracasso escolar nas escolas bem como as evasões e reprovações. No entanto, a escola tem que abraçar o sujeito e entender que cada um aprende no seu determinado tempo.

Para Pedro, o papel da escola como ambiente de opinião e aprendizagem aparece como um espaço que deixou marcas negativas. A falta de diálogo da escola com a realidade dele

reforça a ideia de que escola é um espaço descrente da capacidade de avançar educacionalmente e que ao longo da trajetória escolar causa o silenciamento, que gera a culpa no aluno por não aprender. Com isso, a produção do fracasso escolar se dá dentro da escola e perpassa os muros, afirmando e rotulando o estudante como incapaz.

Para Pedro o seu fracasso é fruto da sua falta de interesse nos estudos e também por brincar demais com os colegas. Ele não vê a escola como a causadora ou culpada. Assim como ele, a sua mãe também acredita que o culpado pela falta de desenvolvimento é ele.

A docente também não vê a escola como um espaço que produz o fracasso e que não sabe minimiza-lo ou lidar com a não aprendizagem dos alunos. Assim como Pedro e sua mãe, Eliza também acha que a culpa é de Pedro.

Além dele, Eliza atribui a causa do fracasso de Pedro ao bairro e a mãe do aluno. No entanto, os caminhos para amenizar o fracasso escolar começam, a partir do momento em que a escola passa a assumir que o fracasso escolar se inicia no meio educacional e que a aprendizagem de cada estudante se dá em seu tempo e depende, sobretudo, de ações pedagógicas concreta da escola, pois não é a família (sozinha) que resolverá o problema da não aprendizagem de seus filhos, mas sim a escola, com soluções pedagógicas adequadas.

E para combater o fracasso escolar, a escola tem que deixar de seguir os padrões elitistas e começar a enxergar a realidade da clientela que atende. Por isso, o estudo sobre o fracasso escolar é de extrema relevância para a educação, pois trata-se de uma problemática que está no meio educacional e que tem impedido que o acesso e a permanência com qualidade na escola se tornem direitos efetivos e concretos.

A discussão desse tema é de extrema relevância para a formação pedagógica, pois trata de um problema que se dá no meio educacional e que ultrapassa os muros da escola. O assunto discutido nesta pesquisa trata da realidade da maioria das escolas brasileira, que cada vez mais temos professores incapacitados ou com uma formação continuada com muitas precariedades.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOWICZ, Anete; RODRIGUES, Tatiane Consentino; CRUZ, Ana Cristina Juvenal da. Fracasso Escolar na Sociedade de Controle e “Aprendi o que é Ser Preto sob o Racismo da Escola” In: ARROYO, Miguel, G. ABRAMOWICZ, Anete (Orgs.). **A Reconfiguração da Escola: Entre a Negação e a Afirmação de Direitos**. Campinas, SP: Papyrus, 2009. p. 109-128.
- CARVALHO, José Sérgio Fonseca de. As Noções de Erro e Fracasso no Contexto Escolar: algumas considerações preliminares. In: AQUINO, Júlio Groppa. **Erro e Fracasso na Escola: Alternativas Teóricas e Práticas**. São Paulo: Summus, 1997.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.
- FROCHTENGARTEN, Fernando. **A Entrevista como Método: uma conversa com Eduardo Coutinho**. Psicologia – USP, São Paulo, 2009.
- GAUDENZI, P.; ORTEGA, F. **O Estatuto da Medicalização e as Interpretações. De Ivan Illich e Michel Foucault como ferramentas conceituais para o estudo da desmedicalização**. Interface - Comunic. Saúde, Educ. 2012.
- GODOY, Arilda Schmidt. **Introdução à Pesquisa Qualitativa e suas Possibilidades**. Vol. 35, nº. 2, São Paulo, 1995. p. 57-63.
- GOMES, Alessandra. **Democratização do Ensino em Questão: a relevância política do fim da reprodução escolar**. Faculdade de Educação – USP, São Paulo, 2004.
- GONDRA JG. Silêncios na História da Educação no Império. In: Vidal D G, GONDRA JG, FARIA FILHO. LM. (ORS.). **Educação, Modernidade e Civilização: fontes e perspectivas de análises para a história da educação oitocentista**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998. p. 37-71.
- GUERRA, Gutenberg Armando Diniz. **O Êxodo Rural no Cancioneiro Popular: triste partida, de Patativa do Assaré**. 1º Ed, Pará, Trilha, 2002.
- GUIMARÃES, Rosa Maria Mascarenhas. **Prosas e Provas: o que dizem os professores sobre o ato de avaliar?** UFRB-CFP, 2017.
- MACHADO, Adriana Marcondes. **Medicalização na Educação**. São Paulo - Instituto de Psicologia, 1997
- MATTOS, Carmem Lúcia de Guimarães. **Etnografia e Educação: conceitos e usos**. Campina Grande: Eduepb, 2011.
- PAIS, C. SOFIA. MENESES, Isabel, NUNES, A João. **Saúde e Escola: reflexões em torno da medicalização da educação**. 1º Ed, Rio de Janeiro - Scielo, 2016.
- OLIVEIRA, Elaine, C. VIÉGAS, Lygia de Souza. HARAYAMA, Rui, Massato. **Drogas e Medicalização na Escola: reflexões sobre um debate necessário**. Academia Edu. São Paulo, 2016.

PARO, Vitor Henrique. **Reprovação Escolar: renúncia à educação**. 1º Ed, São Paulo - Xamã Editora, 2001.

PATTO, Maria Helena Souza. **A Produção do Fracasso Escolar: História de Submissão e Rebeldia**. 2º Ed, São Paulo - Casa do Psicólogo Livraria e Editora Ltda. 1999.

VALLADARES, Lúcia. **Os Dez Mandamentos da Observação Participante**. 22º ed, Rio de Janeiro, Revista brasileira de Ciências Sociais, 2005.

APÊNDICES

APÊNDICE A



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

Título da Pesquisa: Visões sobre o fracasso escolar na perspectiva de diferentes sujeitos

Pesquisadora: Williane Araújo da Silva

Orientador: Prof^ª. Dr^ª. Alessandra Gomes

ROTEIRO DE ENTREVISTA

I-PERFIL DO (A) ENTREVISTADO (A)

-Nome Completo

-Idade -Sexo

-Etnia/cor

-Local de moradia

II-ARRANJO FAMILIAR

-Tem quantos irmãos

-Os seus pais são escolarizados?

-Quantas pessoas moram na casa?

-Qual a ocupação dos Pais ou Responsáveis?

-Com quem vive atualmente?

III- TRAJETÓRIA ESCOLAR

-Em que serie está?

-Em que serie foi reprovado?

-Porque você foi reprovado?

-Você sofre de exclusão escolar?

-Do que menos você gosta? Por quê?

-Você gosta do que a escola ensina?

-Porque você estuda? Estudar serve para que?

- Relate uma boa lembrança da escola.
- Relate uma lembrança ruim da escola.
- Você gosta da sua professora atual? Por quê?
- Qual a professora que você mais gostou e a que você menos gostou? Por quê?
- Que outras pessoas da escola você gosta? Por quê?
- Que outras pessoas da escola você não gosta? Por quê?
- O que falta para você ter sucesso na escola?
- Esse fracasso é produzido na escola ou em casa?

IV- PERSPECTIVA DE FUTURO

- O que você pretende ser o que quando crescer?

V-PROFESSORA

I-Perfil da Docente

- Nome
- Idade
- Tempo de docência

II- TRAJETÓRIA EM SALA DE AULA

- Conte um pouco sobre você, sua vida, sua trajetória pessoal.
- Fale-me sobre X? Quem é ele?
- Como é o comportamento de X na escola?
- E o aproveitamento nos estudos?
- O que você entende sobre o fracasso escolar?
- Você acha que esses fatores (comportamentos e aprendizagens) se devem a que?
- Quais estratégias você busca para construir o interesse dele?

III-RELAÇÃO FAMILIAR

- E a família, o que você sabe dela?
- Quais estratégias buscadas para uma aproximação da família?
- Você concorda que pela falta de escolarização dos pais, é por isso que ele não aprende?

IV- VISTÍGIO A PRIMEIRA VISTA

- Esse contexto cultural que eles provem tem impacto na aprendizagem?
- Você acredita que ele pode ter sucesso na escola?
- Esse fracasso é produzido na escola ou em casa?
- No início do ano letivo, já se tem uma base de qual será reprovado?
- Já indicou algum discente para ir buscar ajuda médica?
- O uso de medicamento ajuda realmente?
- O bairro interfere no desenvolvimento escolar?

UM DOS FAMILIARES

I-PERFIL DO FAMILIAR/RESPONSÁVEL

- Nome
- Idade
- Quantos filhos
- Qual o seu grau de escolarização

II-RELAÇÃO FAMÍLIA X ESCOLA

- Exerce alguma atividade?
- O bairro interfere no desenvolvimento escolar?
- O que é fracasso escolar?
- Como é o comportamento dele na escola
- Ele sofre bullying por devido às reprovações?
- Esse fracasso é produzido na escola ou em casa?
- Você acha que as condições de vida interferem no desenvolvimento escolar?

III- O USO DE MEDICALIZAÇÃO

- Você acha que ele tem alguma doença?
- Você já buscou ajudar para fazer uso de medicamentos?
- O uso do medicamento ajuda?

APÊNDICE B



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

Título da Pesquisa: Visões Sobre O Fracasso Escolar Na Perspectiva De Diferentes Sujeitos

Pesquisadora: Williane Araújo da Silva

Orientador: Dr^a Alessandra Gomes

ROTEIRO DE ENTREVISTA

I-PERFIL DO (A) ENTREVISTADO (A)

- Nome Completo Pedro
- Idade 14 anos
- Sexo Masculino
- Etnia/cor Negro
- Local de moradia Rodão/ Casa própria

II-ARRANJO FAMILIAR

- Tem quantos irmãos
-7 Irmãos
- Os seus pais são escolarizados?
-Não, a minha mãe estudou até o 3º ano “eu acho”
- Quantas pessoas moram na casa?
- 5 Pessoas
- Qual a ocupação dos Pais ou Responsáveis?
-Minha mãe não trabalha, e o meu pai foi é... é...meu pai também não trabalhava ele foi...
-Está desempregado? É
- Com quem vive atualmente?
-Com a minha mãe e os meus irmãos

III- TRAJETORIA ESCOLAR

- Em que serie está?

-5º Ano

- Em que serie foi reprovado?

-3º Ano

- Porque você foi reprovado?

-Porque eu brincava demais e os meninos só me colocavam em esparos

- Você sofre de exclusão escolar?

-Também...Por que eu não sabia ler, e também eles me botou pra repetir de ano. Ai fui lá perdi mais um ano repetir de novo.

-Dentro desse 1 ano que você repetiu, conseguiu recuperar?

-Sim, mais perdi de novo, porque eu brincava demais com os meninos.

- Gosta da escola? Do que mais gosta? Porque?

-Sim, porque estudo.

- Do que menos você gosta? Porque? De briga; porque briga só leva a pessoa pro mal caminho

- Você gosta do que a escola ensina?

-Sim,

- Porque você estuda?

-Porque é bom –**mas, porque é bom?** Eu gosto da escola porque ela é boa e faz bem posso ser alguém na vida.

- Estudar serve para que?

-Para aprender –Só pra aprender? Aprender e ensinar

- Relate uma boa lembrança da escola

-A escola me deixa lembrança da diretora, dos professores de tudo.

- Relate uma lembrança ruim da escola?

-Tinham uns amigos que perturbava e colocava a culpa em me aí eu me afastava deles.

- Você gosta da sua professora atual? Por quê?

-Gosto, porque ela é muito bacana, e ela gosta muito de me mais do que os outros.

–**Os outros não gostavam de tu?**

-A metade não

–**Porque?**

-Eu atentava eles.

- Qual a professora que você mais gostou e a que você menos gostou? Porque?

- A que eu mais gostei foi Cintia, porque ela era dengosa.
- A que eu menos gostei foi Maísa porque ela me pegava pelo braço e me beliscava.
- Que outras pessoas da escola você gosta? Por quê?
- Eu gosto de Lucas, Neuma, da vice, pró Rosinha, Ana Angélica. São gente boa, legal.
- Qual o tratamento dessas pessoas com você?**
- Eles me ensinam, me dar atenção, me falam o que é certo e errado.
- Que outras pessoas da escola você não gosta? Por quê?
- Da diretora ela me trata mal, me manda falar baixo.
- O que falta para você ter sucesso na escola?
- Tá faltando leitura e aprender mais.
- Esse fracasso é produzido na escola ou em casa?
- Acho que é da escola e porque eu não estudava e nem fazia a revisão
- Porque você não estudava?**
- Porque, eu não fazia a revisão e não queria estudar.
- Você sofre alguma bulliynng na escola?

Sim

- Do que eles te chamam?

-viado, Chico da moda

IV- PERSPECTIVA DE FUTURO

- O que você pretende ser o que quando crescer?
- Médico ou Polícia Federal
- Você trabalha na feira ou faz algum tipo de atividade ou trabalho?
- Sim,
- Gosta de fazer?
- Sim
- Atrapalha no seu desenvolvimento escolar?
- Não, pois, é a tarde e à noite

PROFESSORA I

-Perfil da Docente

❖ Nome

-Eliza

❖ Idade

-29 Anos

❖ Tempo de docência

-Sou novinha, na verdade eu já tive antes da sala de aula os estágios que temos que contar como experiências. Depois fui convidada para ser coordenadora da AABB comunidade. E, só agora eu vi que eu vim lecionar o ano inteiro sozinha na sala, essa na verdade foi a minha primeira turma.

II- TRAJETORIA EM SALA DE AULA

❖ Conte um pouco sobre você, sua vida, sua trajetória pessoal.

Oriunda de Amargosa, noiva, iniciante na docência a pouco tempo. Formada pela UFRB-CFP. Mora no rodão desde de sua infância.

❖ Me fale sobre X? Quem é ele?

-Oh, ele é um aluno repetente tido como o aluno problema por perturbar durante aula. Isso atrapalha muito tanto os alunos, por que ele tira atenção de todos e também me prejudica. Por que, é horrível você dar uma aula com um aluno fazendo barulho, perturbando. E, ele é aquele aluno que desgasta muito durante a aula porque você reclama, reclama, reclama e ai às vezes ainda sim, ele continua insiste em perturbar. Ele às vezes só para mesmo quando você fala. -oh, você vai tomar uma suspensão, ai ele para mais depois de meia horinha ele começa de novo. Ele tem esse problema mesmo de atenção.

❖ Como é o comportamento de X na escola?

-Eu não vejo assim, muita integração dele com os outros alunos. Mas, ele é um tipo de aluno que, ele gosta muito de arrumar problemas, entendeu. Ele é do tipo que gosta de perturbar e quando alguém quer revidar ai gera confusão. Então, ele é desse tipo de aluno o famoso que gosta de enticar os outros.

❖ E o aproveitamento nos estudos?

-Graças a Deus, comigo ele deu uma melhoria significativa, né. Na leitura mesmo quando eu comecei com ele, não lia praticamente nada. E, hoje graças a Deus ele, ler com pausa já quase fluente. As notas deles também melhorou bastante, ele é muito bom em matemática, é várias provas que eu fiz ele tirou, tipo valia 4 ele tirou 3,7 ele é muito bom, até porque ele trabalha com isso lá fora com vendas, com dinheiro.

Ele na verdade ele ajuda sempre que tem um tempinho vago, entendeu. As pessoas no próprio bairro que coloca para vender salgados, um complementosinho, nada que escravize e que tire ele a atenção dos estudos. Mas, então isso facilita a questão do troco, vender, receber. Isso na sala de aula, graças a Deus tem tido um efeito bom.

Português nem tanto por conta da leitura às vezes ele ler mais não compreende, entendeu. Deu um avanço assim muito bom na leitura.

❖ O que você entende sobre o fracasso escolar?

É claro que tá ligado a, assim repetente, né. Mais eu acho que a gente não deve assim considerar que o aluno que é repetente como fracassado. Eu dei o exemplo dele agora, tem outro chamado xxxxx que repetiu 2 anos e agora ele passou direto, então assim se ele fosse visto considerado como fracasso escolar, né. Talvez se ele fosse visto como um fracasso escolar ele não teria passado assim direto e graças a Deus ele passou sem nenhum provão. Eu acho que ele tem que confiar aposta no aluno sempre.

❖ Você acha que os fatores (comportamentos e aprendizagens) se devem a que?

Eu acho que está ligado diretamente a família porque, isso é claro aqui dentro da sala, os pais que acompanha que esta aqui todos os dias “pró e ai como está o comportamento” “e as notas?” o aluno dentro da sala brilha, já os outros que a gente malmente vê marca reunião e os pais não comparece são os que dão mais trabalho. Inclusive tem um aluno esse que eu te falei que sempre que a gente mandava contato para a mãe vim aqui rasgava as advertências, inventava que a mãe viajou, isso e aquilo. Depois acabou descobrimos isso tudo, e a mãe veio aqui conversou começou a vim e disse oh, se ele começa com esse comportamento a senhora me fala, deixou o numero, contato. E ai, assim o menino mudou da água pro vinho. Na segunda unidade ele perdeu em todas, na terceira ele avançou em todas e passou direto sem o provão. Então você ver que o contato com a família e escola é essencial.

❖ VOCÊ ACHA QUE O BAIRRO INTERFERE NA APRENDIZAGEM?

Eu acho que não diretamente. Eu acho que se a família saber colocar como o famoso ditado popular ele no lugar dele. O bairro não vai interferir em nada. Porque todo o bairro de certa forma tem o seu lado periférico, tem pessoas, meninos do bem e os que são envolvidos em coisas erradas. Cabe a família dizer não você não vai andar com esses meninos, agora é hora de estudar e não de estar na rua e por limites.

❖ Quais estratégias você busca para construir o interesse dele?

Como eu comecei agora com essa turma de 5º ano pra me foi muito bom porque, assim já são grandinhos é ficou mais fácil trabalhar, eu buscava trabalhar músicas que eles gostavam aulas dinâmicas que perguntasse e que eles pudessem participar não aquela aula monotona sempre escrevendo assim, que eu acho que cansa mesmo e não despertar tanto interesse por isso tem que estar sempre inovando.

III-RELAÇÃO FAMILIAR

❖ E a família, o que você sabe dela?

Então é o que eu falo, família tem é... Reflete diretamente no comportamento esse xxxx mesmo ele tem vários irmãos, se eu não me engano são 6 com ele, a maioria envolvido no tráfico, né. Um deles foi preso várias vezes por roubo tudo mais... É uma família bem carente, extremamente carente, a mãe não tem estudos, entendeu. Então assim, isso reflete diretamente na escola, família sem limites, sem uma estrutura boa de conversa de família mesmo.

❖ Quais estratégias buscadas para uma aproximação da família

Essa escola trabalha com reuniões todo o final de unidade e a gente fez agora uma estratégia diferente chamado plantão pedagógico que a gente conversou individualmente com cada pais ou responsável. E a gente viu que surtiu bem mais efeito. Ali a gente foi discutir comportamento, mostrou nota por nota, entendeu. Então ano que vem a gente quer fazer isso logo na primeira unidade, fazer esse plantão pedagógico. Foi uma forma que a maioria compareceu e surtiu bastante efeito.

❖ Você concorda que pela falta de escolarização dos pais, é por isso que ele não aprende?

Eu acho que não. É uma opinião bem particular. Porque eu conheço vários pais que não tiveram acesso, mas que aí, sim, incentivaram ainda, mas, os seus filhos. Não, eu não tive estudos mas, você tem que ter, entendeu. Investe muito mesmo

IV- VESTIGIO A PRIMEIRA VISTA

❖ Esse contexto cultural que eles provem tem impacto na aprendizagem?

Sim, eu acho que sim, né. É o que eu te falei é relativo, tem mãe que não tem estudos, porém, se preocupa que o filho tenha. O caso desse menino, eu não vejo a mãe tão assim. Mesmo porque, pelo que eu vejo quando ela aqui comparece é como se ela já tivesse perdido as “redias”. Então assim, eu não vejo aquele acompanhamento, não vejo vamos sentar fazer aqui essa atividade, vamos treinar a leitura. Essa outra família que ele ajuda nas horas vagas, até complementou na leitura, também devo isso a esses amigos, que treinou bastante a leitura. Então eu acho que a mãe deixa a desejar.

❖ Você acredita que ele pode ter sucesso na escola?

Sim, eu acho que... Assim vai depender dele, ele já tá numa idade que ele já entende o que é certo e errado. Sabe que o comportamento não é dos melhores porque é chamado atenção o ano inteiro, já levou várias advertências, né. Então, eu acho que agora depende dele, claro que a família ajudaria bastante, né, se incentivasse, que ele já tá numa idade que ele pode escolher o que ele quer a partir de agora.

❖ Esse fracasso é produzido na escola ou em casa?

Não, é de lá pra cá. Agora assim, eu ainda acho ele um pouco pior aqui dentro do que lá fora. Porque lá no bairro ele é mais tranquilo, entendeu a aglomeração de menino lá é bem menor, como aqui junta todo mundo é o de bairro né, de outros bairros aí parece que despeja tudo aqui, né, na escola.

❖ No início do ano letivo, já se tem uma base de qual será reprovado?

É uma visão na minha opinião errônea. Porque assim, claro que quando a gente chega à gente percebe quem é cada aluno e o que vai ser. E o que você falou o quem pode passar e quem não pode passar. Pré julgar a gente não pode. Por que os meus mostraram isso.

Como eu te falei teve um que perdeu em todas na II unidade já na terceira ele avançou com notas altíssimas.

❖ Já indicou algum discente para ir buscar ajuda médica?

Sim, nossa escola trabalha com atendimento psicológico e psicopedagógico, que é diferente ai a gente encaminha.

❖ MAS, EM SALA A SENHORA JÁ IDENTIFICOU ALGUM, ASSIM?

O aluno que é agitado demais que você percebe que reclama, reclama, reclama e, é como se a gente não tivesse falando nada, é o agitado ao extremo ou então o aluno que a gente vê que a gente tá ali explicando detalhadamente e ainda assim ele não consegue compreender, né. É como se tivesse algo que impedisse a aprendizagem.

❖ O uso de medicamento ajuda realmente?

Depende do problema de cada aluno, tem outros que basta o psicopedagogo agora tem outro que tem algo a mais que é necessário tanto a ajuda do psicopedagógico como também de algo a mais, de remédio.

❖ O bairro interfere no desenvolvimento escolar?

Não diretamente, mais vai depender da visão dos pais referente ao bairro que mora e com quem vai andar.

UM DOS FAMILIARES (MÃE)

I-PERFIL DO FAMILIAR

-Nome

-Maria Idade

-45 Anos

Quantos filhos

-7 Filhos

Qual o seu grau de escolarização

-3 serie não conclui os meus estudos porque eu morava na roça com os meus e eu estudava e trabalhava tudo ao mesmo tempo e depois fui achar de me envolver cedo com um homem ai eu sair de casa fui morar mais ele, ai eu parei de estudar.

II-RELAÇÃO FAMÍLIA X ESCOLA

Exerce alguma atividade?

-Não sou dona de casa.

O bairro interfere no desenvolvimento escolar?

-Não

-A senhora acha que ele não se desenvolver por quê?

-Falta de interesse dele

O que é fracasso escolar?

-Não sei

Como é o comportamento dele na escola?

-Irregular pois, sempre a professora me chamava no meio do ano para aconselhar ele pois, ficava incentivando os meninos a brigar. Ficava gritando, mexendo com um e outro na sala.

Ele sofre bullying por devido às reprovações?

-Não

Esse fracasso é produzido na escola ou em casa?

Você acha que as condições de vida interferem no desenvolvimento escolar?

-Não, o problema é dele. Ele que não quer estudar.

III-USO DE MEDICALIZAÇÃO

Você acha que ele tem alguma doença?

Não

Você já buscou ajudar para fazer uso de medicamentos?

-Não

O uso do medicamento ajuda?

-Não